



GRACIA RANHA

ESPIRITO MODERNO



CIA. GRAPHICO - EDITORA MONTEIRO LOBATO
Praça da Sé, 34 **São Paulo - 1925**

Do Sr. João Martins

Cordialembrance de

seu admirador

Graca Brank

ESPIRITO MODERNO

GRAÇA ARANHA

Espírito Moderno



CIA. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO
Praça da Sé, 34 S. Paulo — 1925

ESPIRITO MODERNO

No primeiro documento, recolhido neste volume, quando se procurou precizar a emoção esthetica na Arte moderna, affirmou-se que o supremo movimento artistico daquelle instante se caracterizava pelo mais livre e fecundo subjectivismo. Em 1921 a conclusão a que se chegára na arte moderna, era a da força inexoravel da libertação esthetica. Foi o apogeu da destruição de todo um passado servil ás convenções de uma imaginaria ordem, a uma categoria de artes e ao imperativo de formulas em opposição ao espirito scientifico, que modificára a sensibilidade e construiu o pensamento contemporaneo. Tudo se transformara, só a Arte permanecia entorpecida no passado. Com o advento do extremado individualismo, desencadeiou-se o mais fecundo subjectivismo, um delirio de liberdade, que não repetiu o romantismo e foi uma expressão dinamica do eu esthetico. Mas já nessa época se poderia notar que o subjectivismo se transfigurava, para a finalidade constructiva, em objectivismo. E na aurora da mutação para o que é hoje a estrutura da arte moderna, nesse mesmo primeiro documento de 1921, escreveu-se:

“Este subjectivismo é tão livre, que pela vontade independente do artista se torna no mais desinteressado objectivismo, em que desaparece a determinação psychologica. Seria a pintura de Cezanne, a musica de Strawinsky reagindo contra o lyrismo psychologico de Debussy, procurando, como já se observou, manifestar a propria vida do objecto no mais rico dynamismo, que se passa nas cousas e na emoção do artista.”

Estava lançada a ponte entre as duas phases do espirito moderno. Em 1924 a evolução se completara. O segundo documento define o objectivismo dynamico na arte, o seu segredo psychologico, o seu methodo.

O espirito moderno zomba da critica, que vê incoherencia, onde só ha modalidade, e do subjectivismo hyperlivre passa ao objectivismo, de que faz uma disciplina. O dynamismo é um estado permanente de criação, porque crear é uma actividade, uma funcção dinamica. A suprema realização do espirito moderno está em tornar objectivo esse dynamismo, em disfarçar, subjugar o subjectivismo inherente ao pensamento, tornal-o instinctivamente integral com todas as cousas, independente e estranho ao proprio eu, que é tambem objecto da funcção esthetica.

Tudo se transforma pela sensibilidade humana,

inumeravel e surpreendente em suas apparencias. Só uma cousa lhe é impossivel, voltar ao que ella propria consumiu, persistir no que passou. Seguindo as variações da sensibilidade, sempre actuaes, sempre indicatoras do futuro, a Arte realiza em successivas e infinitas emoções a fusão incessante do ser ephemero e eterno no Todo Universal, que é da sua essencia.

A EMOÇÃO ESTHETICA NA ARTE MODERNA (*)

Para muitos de vós a curiosa e suggestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje, é uma agglomeração de “horrores”. Aquelle Genio suppliciado, aquelle homem amarello, aquelle carnaval allucinante, aquella paizagem invertida se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros “horrores” vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta collecção de disparates, uma poesia liberta, uma musica extravagante, mas transcendente, virão révoltar aquelles que reagem movidos pelas forças do Passado. Para estes retardatarios a arte ainda é o Bello.

Nenhum preconceito é mais perturbador á concepção da arte que o da Belleza. Os que imaginam o bello abstracto são suggestionados por convenções

(*) Conferencia com que foi inaugurada a Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal de S. Paulo em fevereiro de 1922.

forjadoras de entidades e conceitos estheticos sobre os quaes não pôde haver uma noção exacta e definitiva. Cada um que se interrogue a si mesmo e responda que é a belleza? Onde repousa o criterio infallivel do bello? A arte é independente deste preconceito. E' outra maravilha que não é a belleza. E' a realização da nossa integração no cosmos pelas emoções derivadas dos nossos sentidos, vagos e indefiniveis sentimentos que nos vêm das fórmãs, dos sons, das côres, dos tactos, dos sabores e nos levam á unidade suprema com o Todo Universal. Por ella sentimos o Universo, que a sciencia decompõe e nos faz sómente conhecer pelos seus phenomenos. Porque uma fórmula, uma linha, um som, uma côr nos commovem, nos exaltam e transportam ao universal? Eis o mysterio da arte, insolúvel em todos os tempos, porque a arte é eterna e o homem é por excellencia o animal artista. O sentimento religioso pôde ser transmudado, mas o senso esthetico permanece inextinguivel, como o Amor, seu irmão immortal. O Universo e os seus fragmentos são sempre designados por metaphoras e analogias, que fazem imagens. Ora, esta funcção intrinseca do espirito humano mostra como a funcção esthetica, que é a de idear e imaginar, é essencial á nossa natureza.

A emoção geradora da arte ou a que esta nos transmite, é tanto mais funda, mais universal

quanto mais artista fôr o homem, seu creador, seu interprete ou espectador. Cada arte nos deve comover pelos seus meios directos de expressão e por elles nos arrebatat ao Infinito.

A pintura nos exaltará, não pela anecdota, que por acaso ella procure representar, mas principalmente pelos sentimentos vagos e ineffaveis que nos vêm da fôrma e da côr.

Que importa que o homem amarello ou a paisagem louca, ou o Genio angustiado não sejam o que se chama convencionalmente reaes? O que nos interessa é a emoção que nos vem daquellas côres intensas e sorprehendentes, daquellas fôrmas estranhas, inspiradoras de imagens e que nos traduzem o sentimento pathetico ou satyrico do artista. Que nos importa que a musica transcendente, que vamos ouvir não seja realizada segundo as fórmulas consagradas! O que nos interessa é a transfiguração de nós mesmos pela magia do som, que exprimirá a arte do musico divino. E' na essencia da arte que está a Arte. E' no sentimento vago do Infinito que está a soberana emoção artistica derivada do som, da fôrma e da côr. Para o artista a natureza é uma "fuga" perenne no Tempo imaginario. Emquanto para os outros a natureza é fixa e eterna, para elle tudo passa e a Arte é a representação dessa transformação incessante. Transmittir por ella

as vagas emoções absolutas vindas dos sentidos e realizar nesta emoção esthetica a unidade com o Todo, é a suprema alegria do espirito.

Se a Arte é inseparavel do homem, se cada um de nós é um artista mesmo rudimentar, porque é um creador de imagens e fórmás subjectivas, a Arte nas suas manifestações recebe a influencia da cultura do espirito humano.

Toda a manifestação esthetica é sempre precedida de um movimento de idéas geraes, de um impulso philosophico, e a Philosophia se faz Arte para se tornar Vida. Na antiguidade classica o surto da architectura e da esculptura se deve não sómente ao meio, ao tempo e á raça, mas principalmente á cultura mathematica, que era exclusiva e determinou a ascendencia dessas artes da linha e do volume. A propria pintura dessas épocas é um accentuado reflexo da esculptura. No renascimento, em seguida á perquirição analytica da alma humana, que foi a actividade predominante da idade média, o humanismo inspirou a magnifica floração da pintura, que na figura humana procurou exprimir o mysterio das almas. Foi depois da philosophia natural do seculo XVII que o movimento pantheistico se estendeu á Arte e á Literatura e deu á Natureza a personificação que raia na poesia e na pintura da paisagem. Rodin não teria sido o innovador, que foi

na escultura, se não tivesse havido a precedencia da biologia de Lamarck e Darwin. O homem de Rodin é o anthropoide aperfeiçoado.

E eis chegado o grande enigma que é o de precizar as origens da sensibilidade na arte moderna. Este supremo movimento artistico se caracteriza pelo mais livre e fecundo subjectivismo. E' uma resultante do extremado individualismo que vem vindo na vaga do tempo ha quasi dous seculos até se espraiair em nossa época, de que é feição avassaladora.

Desde Rousseau o individuo é a baze da estrutura social. A sociedade é um acto da livre vontade humana. E por este conceito se marca a ascendencia philosophica de Condillac e da sua escola. O individualismo freme na revolução franceza e mais tarde no romantismo e na revolução social de 1848, mas a sua libertação não é definitiva. Esta só veiu quando o darwinismo triumphante desencadeou o espirito humano das suas pretendidas origens divinas e revelou o fundo da natureza e as suas tramas inexoraveis. O espirito do homem mergulhou neste insondavel abysmo e procurou a essencia das cousas. O subjectivismo mais livre e desencantado germinou em tudo. Cada homem é um pensamento independente, cada artista exprimirá livremente, sem compromissos, a sua interpretação da vida, a

emoção esthetica que lhe vem dos seus contactos com a natureza. E' toda a magia interior do espirito que se traduz na poesia, na musica e nas artes plasticas. Cada um se julga livre de revelar a natureza segundo o proprio sentimento libertado. Cada um é livre de crear e manifestar o seu sonho, a sua fantasia intima desencadeada de toda a regra, de toda a sancção. O canon e a lei são substituidos pela liberdade absoluta que nos revela, por entre mil extravagancias, maravilhas que só a liberdade sabe gerar. Ninguém pôde dizer com segurança onde o erro ou a loucura na arte, que é a expressão do estranho mundo subjectivo do homem. O nosso julgamento está subordinado aos nossos variaveis preconceitos. O genio se manifestará livremente, e esta independencia é uma magnifica fatalidade e contra ella não prevalecerão as academias, as escolas, as arbitrarías regras do nefando bom gosto, e do infecundo bom senso. Temos que acceitar como uma força inexoravel a arte libertada. A nossa actividade espirital se limitará a sentir na arte moderna a essencia da arte, aquellas emoções vagas transmittidas pelos sentidos e que levam o nosso espirito a se fundir no Todo infinito.

Este subjectivismo é tão livre que pela vontade independente do artista se torna no mais desinteressado objectivismo, em que desaparece a determina-

ção *psychologica*. Seria a pintura de Cezanne, a musica de Strawinsky reagindo contra o *lyrismo psychologico* de Debussy procurando, como já se observou, manifestar a propria vida do objecto no mais rico dynamismo, que se passa nas cousas e na emoção do artista.

Esta talvez seja a accentuação da moda, porque nesta arte moderna tambem ha a vaga da moda, que até certo ponto é uma privação da liberdade. A tyrannia da moda declara Debussy envelhecido e sorri do seu subjectivismo transcendente, a tyrannia da moda reclama a sensação forte e violenta da interpretação constructiva da natureza pondo-se em intima correlação com a vida moderna na sua expressão mais real e desabusada. O intellectualismo é substituido pelo objectivismo directo, que, levado ao excesso, transbordará do cubismo no dadaismo. Ha uma especie de jogo divertido e perigoso, e por isso seductor, da arte que zomba da propria arte. Desta zombaria está impregnada a musica moderna que na França se manifesta no sarcasmo de Eric Satie e que o grupo dos "seis" organiza em attitude. Nem sempre a factura desse grupo é homogenea, porque cada um dos artistas obedece fatalmente aos impulsos mysteriosos do seu proprio temperamento, e assim mais uma vez se confirma a

característica da arte moderna que é a do mais livre subjectivismo.

E' prodigioso como as qualidades fundamentais da raça persistem nos poetas e nos outros artistas. No Brasil, no fundo de toda a poesia, mesmo liberta, jáz aquella porção de tristeza, aquella nostalgia irremediavel, que é o substracto do nosso lyrismo. E' verdade que ha um esforço de libertação dessa melancolia racial, e a poesia se desforra na amargura do humorismo, que é uma expressão de desencantamento, um permanente sarcasmo contra o que é e não devia ser, quasi uma arte de vencidos. Reclamemos contra essa arte imitativa e voluntaria que dá ao nosso "modernismo" uma feição artificial. Louvemos aquelles poetas que se libertam pelos seus proprios meios e cuja força de ascensão lhes é intrinseca. Muitos delles se deixaram vencer pela morbidez nostalgica ou pela amargura da farça, mas num certo instante o toque da revelação lhes chegou e eil-os livres, alegres, senhores da materia universal que tornam em materia poetica.

Destes, libertados da tristeza, do lyrismo e do formalismo, temos aqui uma pleiade. Basta que um delles cante, será uma poesia estranha, nova, alada e que se faz musica para ser mais poesia. De dous delles, nesta promissora noite ouvireis as derradeiras "imaginações" Um é Guilherme de Almeida, o

poeta de “Messidor” cujo lyrismo se distilla subtil e fresco de uma longinqua e vaga nostalgia de amor, de sonho e de esperança, e que, sorrindo, se evola da longa e doce tristeza para nos dar nas Canções Gregas a magia de uma poesia mais livre do que a Arte. O outro é o meu Ronald de Carvalho, o poeta da epopéa da “Luz Gloriosa” em que todo o dynamismo brasileiro se manifesta em uma fantasia de côres, de sons e de fórmulas vivas e ardentes, maravilhoso jogo de sol que se torna poesia! A sua arte mais aerea agora, nos novos epigrammas, não definha no frivolo virtuosismo que é o folgado do artista. Ella vem da nossa alma, perdida no assombro do mundo, e é a victoria da cultura sobre o terror, e nos leva pela emoção de um verso, de uma imagem, de uma palavra, de um som á fusão do nosso ser no Todo infinito.

A remodelação esthetica do Brasil iniciada na musica de Villa-Lobos, na esculptura de Brecheret, na pintura de Di Cavalcanti, Annita Malfati, Vicente do Rego Monteiro, Zina Aita, e na joven e ousada poesia, será a libertação da arte dos perigos que a ameaçam do inopportuno arcadismo, do academismo e do provincianismo.

O regionalismo póde ser um material litterario, mas não o fim de uma litteratura nacional aspirando ao universal. O estylo classico obedece a uma

disciplina que paira sobre as cousas e não as possui.

Ora, tudo aquillo em que o Universo se fragmenta é nosso, são os mil aspectos do Todo, que a arte tem que recompor para lhes dar a unidade absoluta. Uma vibração íntima e intensa anima o artista neste mundo paradoxal que é o Universo brasileiro, e ella não se pôde desenvolver nas fórmias rijas do arcadismo, que é o sarcophago do passado. Também o academismo é a morte pelo frio da arte e da litteratura.

Ignoro como justificar a função social da Academia. O que se pôde affirmar para condemnal-a é que ella suscita o estylo academico, constrange á livre inspiração, refreia o joven e ardego talento que deixa de ser independente para se vasar no molde da Academia. E' um grande mal na renovação esthetica do Brasil e nenhum beneficio trará á lingua esse espirito academico, que mata ao nascer a originalidade profunda e tumultuaria da nossa floresta de vocabulos, phrases e idéas. Ah! se os novos escriptores não pensassem na Academia, se elles por sua vez a matassem em suas almas, que descortino immenso para o magnifico surto do genio, emfim liberto de mais esse terror. Esse "academismo" não é só dominante na litteratura. Também se estende ás artes plasticas e á musica. Por elle tudo o que a nossa vida offerece de enorme, de

esplendido, de immortal, se torna mediocre e triste.

Onde a nossa grande pintura, a nossa escultura e a nossa musica, que não devia esperar a magia da arte de Villa-Lobos para ser a mais sincera expressão do nosso espirito divagando no nosso fabuloso mundo tropical? E, no entanto, eis a paisagem brasileira. E' construida como uma architectura, são planos, volumes, massas. A propria côr da terra é uma profundidade, os vastos horizontes absorvem o céu e dão a perspectiva do infinito. Como ella provoca a transposição pela arte, que lhe dê no maximo realismo a mais alta idealidade! Eis as nossas gentes. Sahem das florestas ou do mar. São os filhos da terra, moveis, ageis como os animaes cheios de pavor, sempre em desafio do perigo, e, no impulso do sonho, allucinados pela imaginação, caminhando pela terra na ansia de conhecer e possuir. Onde a arte que transfigurou genialmente essa perpetua mobilidade, essa progressão infinita da alma brasileira?

Da libertação do nosso espirito sahirá a arte victoriosa. E os primeiros annuncios da nossa esperanza são os que offerecemos aqui á vossa curiosidade. São estas pinturas extravagantes, estas esculturas absurdas, esta musica allucinada, esta poesia aerea e desarticulada. Maravilhosa aurora! Deve-se accentuar que, excepto na poesia, o que se

fez antes disto na pintura e na musica é inexistente. São pequenas e timidas manifestações de um temperamento artistico apavorado pela dominação da natureza, ou são transplantações para o nosso mundo dynamico de melodias mofinas e languidas, marcadas pelo metro academico de outras gentes.

O que hoje fixamos não é a renascença de uma arte que não existe. E' o proprio commovente nascimento da arte no Brasil, e como não temos felizmente a perfida sombra do passado para matar a germinação, tudo promette uma admiravel "florada" artistica. E, libertos de todas as restricções, realizaremos na arte o Universo. A vida será, emfim, vivida na sua profunda realidade esthetica. O proprio Amor é uma funcção da arte, porque realiza a unidade integral do Todo infinito pela magia das fórmãs do ser amado. No universalismo da arte estão a sua força e a sua eternidade. Para sermos universaes, façamos de todas as nossas sensações expressões estheticas, que nos levem á ansejada unidade cosmica. Que a arte seja fiel a si mesma, renuncie ao particular e faça cessar por instantes a dolorosa tragedia do espirito humano desvairado no grande exilio da separação do Todo, e nos transporte pelos sentimentos vagos das fórmãs, das côres, dos sons, dos tactos e dos sabores á nossa gloriosa fusão no Universo.

O ESPIRITO MODERNO (*)

Que é o espírito moderno? No ardente e perpetuo movimento da sensibilidade e da intelligencia, como distinguir a expressão inequivoca do momento fugitivo, o propulsor espiritual, que nos separa do Passado e nos arrebatava para o Futuro? Não será uma contradição pretender-se fixar o que só tem uma existencia imaginaria e só é abstracção? Para o observador, que assiste á fuga do tempo, nada é actual; o Presente é uma illusão. Como ás aguas de um rio, em cada instante que passa, o espirito do homem não é mais o mesmo. Que ansia permanente em explicar o indefinivel, em querer encerrar o tempo illusorio em fórmulas, que fazem do Universo uma projecção da nossa propria personalidade! Tudo é movel, tudo se esvae, e tudo se transforma. O espirito moderno é uma abstracção. No momento em que o definimos e o captamos, entrou no passado. Os ephemerous humanos sentem

(*) Conferencia na Academia Brasileira em 19 de junho de 1924.

esta impossibilidade absoluta, mas persistem fatalmente em buscar na mobilidade a eternidade.

Sob o angulo relativo da comprehensão dos phenomenos transcendentos existe o Tempo, e fraccionando-o em épocas, podemos explicar o espirito moderno e delimitar no espaço a sua relevação e a sua opposição ao espirito do Passado. Antes da nossa actualidade, o instante mais proximo ao nosso momento caracterizava-se pelo subjectivismo, que transfigura o Universo, segundo o sentimento individual, illusoriamente livre. A idade média preparou este estado especial do espirito, que subordinou o Todo universal ao nosso eu, que não considerou as cousas na sua realidade objectiva, mas segundo a representação que dellas faz o espirito humano. A Renascença continuou no humanismo esta accentuação e a Reforma saxonica é o surto definitivo do individualismo pratico, cuja raiz remota se acha no direito germanico. Rousseau e toda a sua numerosa progenie sentimental exaltou o individuo, e o romantismo, ahi germinado, foi o subjectivismo delirante. O homem oppoz-se ao Universo, fugiu á realidade permanente, deformou a visão dos objectos, a politica armou-se da clava de egualdade e a literatura exprimiu a dôr da não conformidade com a vida. O subjectivismo transbordou na philosophia até a reacção positiva e a in-

interpretação scientifica e unitaria do Universo. Na literatura e na arte manteve-se perturbador e anarchico.

A este subjectivismo passivo ou dynamico, o espirito moderno oppõe o objectivismo dynamico. Já se observou que para o subjectivismo a arte está em função do eu; para o objectivismo dynamico a arte exprime o movimento das cousas, que agem pelas suas proprias forças independentes do eu. E' um estado esthetico posterior ao expressionismo, em que toda a arte era subjectiva e emotiva. Póde-se dizer que elle caracteriza a arte moderna nas suas derradeiras aspirações, A libertação do subjectivismo dynamico do romantismo, ou mesmo do subjectivismo contemplativo dos impressionistas, é a grande victoria do espirito moderno. O cubismo não chegou a realizar essa suprema desforra. Ha no cubismo uma estatistica, que prepara o dynamismo, mas que não realiza o perenne e implacável movimento das cousas. A pintura, a esculptura, ainda não attingiram esse modernismo esthetico, que a musica ostenta nas ultimas creações de Strawinsky. A poesia não se emancipou do sentimentalismo mesmo nos poemas de um Appolinaire e de seus epigonos, Cocteau, Cendrars, Ivan Goll e outros. Parece que ha uma lei de constancia lyrica, que mantem o estado subjectivo nos artistas mais livres. E' estranho

como nesses poetas toda a arte está em função do eu, e elles exprimem o irremediavel dualismo, e raro fundem o sujeito pensante no objecto pensado. A objecção facil de que toda a visão, toda a sensação do mundo é subjectiva e de que a arte não póde ser independente do eu, do sujeito que a exprime, está prevista e repellida na synthese, que leva o espirito humano a sentir-se um com todas as cousas, a abolir o proprio eu para exprimir a vida, a acção dos objectos, movidos pelas suas proprias forças e nesse dynamismo realizar a emoção esthetica, que nos funde no Universo. E o espirito humano tambem se percebe como um objecto não sentimental, passivo ou contemplativo, mas dynamico, uma força viva, actuada pelas suas proprias forças, um ephemero entre as cousas ephemerass, uma expressão dynamica da natureza sem outra finalidade, que não seja a finalidade esthetica.

Não ha movimento artistico que não seja precedido de um movimento philosophico. E a philosophia da unidade realiza-se no objectivismo dynamico da arte moderna. A razão desse objectivismo está na concepção esthetica do universo, que domina o problema da arte. Todo o conhecimento do Universo é esthetico, desde que não se póde explicar scientificamente a substancia. Dos contactos, que nos vêm pelos sentidos, resultam sentimentos va-

gos, que nos levam á indiscriminação no todo infinito. E' a essencia da arte. O artista é aquelle que possui e transmite esses sentimentos vagos, transcendentés e realiza na obra de arte a fusão do seu ser no Universo. O espectador da obra de arte que sente, movido pela expressão artistica, aquella emoção vaga, indefinivel, attinge á esthetica do Universo. Essa fusão essencial é tanto mais perfeita quanto mais é realizada pelos elementos geraes da expressão artistica, pelos meios mais puros e mais intensos. Se quebrarmos por um instante a unidade da arte, vemos que a pintura tem os seus elementos essenciaes na fôrma e na côr, a esculptura na fôrma, na luz, no movimento, a architectura na fôrma, na luz, na estabilidade das massas, que suggere movimento.

A obra de arte é tanto mais profunda e mais equilibrada quanto mais predominam os elementos geraes e universaes. Se o artista despreza ou não possui a emoção profunda que lhe vem dos elementos essenciaes da arte, e se preoccupa com o assumpto, a anecdota, e della faz o centro da obra de arte, esta é inexistente estheticamente. Se o artista exaggera a sensação de um desses elementos, se por exemplo na pintura realiza a côr abolindo a fôrma, sem comprehender que a côr é um volume e a luz é outro, exaggero em que cahiram os ultimos

impressionistas, a obra de arte é falsa. Se o artista se esmera no desenho a ponto de principalmente por este representar os objectos sem correspondencia com o ambiente, a arte é fria e academica. O impressionismo reagiu contra este academismo da forma e proclamou que tudo era vago, sem consistencia, dependendo da luz e que esta faz a côr. O cubismo veio como uma reacção contra o exaggero impressionista. Ensaçou realizar na arte os volumes, as massas, e voltou á geometria, ás linhas e ás dimensões, e procurou nos objectos a sua expressão synthetica e essencial. Para attingir á synthese, o cubismo libertou a arte da tyrannia dos sentidos e deu-lhe uma preeminencia espiritual. Um dos theoricos da doutrina dogmatizou: “*Les sens déforment, l’esprit forme*” A pintura sensorial é passageira e erronea, porque os artistas só vêem nos objectos os factos simples, vulgares, ao passo que o artista cubista considera o objecto e o seu conjunto como factos artisticos.

E num exemplo explicam os cubistas a these fundamental da doutrina. Se o artista examina uma laranja com o auxilio exclusivo dos sentidos só percebe um fruto de contornos suaves, de aspecto saboroso, de pelle enrugada e brilhante. E’ o “facto simples” da laranja, a certeza vulgar. Mas se considera o mesmo fruto na sua representação synthe-

tica e eterna só vê na laranja uma esphera de côr amarella, e a verificação deste conjunto de elementos constitue um “facto artistico” primordial.

Esta operação synthetica da arte é a mesma na linguagem, que na palavra dá a essencia, a vida geral dos objectos da mesma ordem, eliminando os seus caracteres particulares, os factos simples e vulgares, para fixar a idéa synthetica.

O grande erro do cubismo é o seu exclusivismo intellectual. A arte, afastando-se da injuncção dos sentidos, torna-se puramente espiritual, na incessante e chimerica busca de uma verdade eterna, que está além da certeza sensorial. Consciente de que toda a arte é precedida de uma philosophia, o cubismo remonta as suas origens a Platão, que proclamou “percebem os sentidos unicamente o que passa, o entendimento o que fica” a Cicero, lembrando que Phidias, quando queria esculpir a estatua de um deus, não procurava modelo nos homens, mas no seu proprio espirito; a Kant, quando diz que os sentidos só nos dão a materia do conhecimento, ao passo que o entendimento nos dá a fôrma; a Bosuet, quando affirmou que os sentidos fazem conhecer as nossas proprias sensações; a Malebranche: “a verdade não está em nossos sentidos, mas no espirito” A these capital do cubismo, formulada pelos seus doutrinarios, seria: “Conhecer um objecto

é querer conhecel-o na sua essencia, represental-o no seu espirito o mais puramente possivel, reduzil-o a um estado de signo, de totem por assim dizer, absolutamente livre de todos os pormenores inuteis, taes como os aspectos, accidentes multiplos e varios. Os aspectos o situam no tempo e no espaço de um modo arbitrario e não podem sequer explorar a sua qualidade primeira. Assim como o artista fixará na téla ou no marmore não o que passa, mas o que fica, assim não situará os objectos em logar determinado, mas no espaço, que é infinito." Poder-se-ia accrescentar como corollario á phrase de Platão: "os sentidos só percebem o que é situado, o espirito o que está no espaço"

Nesta metaphysica do cubismo que o leva ao idealismo transcendente, há todo o excesso do subjectivismo, que deixou de ser dynamico com os romanticos e passou a ser estatico com estes estranhos geometras da arte. Neste jogo ardente da intelligencia apoiam-se na palavra de Bossuet: "Les sens ne peuvent supporter les extrêmes, mais l'entendement n'en est jamais blessé" Repellem a certeza dos sentidos e buscam a chimera da verdade eterna. Raphael já dissera: "io me sirvo de certa idea chi me vienne alla mente" Voltamos ás categorias, ás entidades e o cubismo torna-se uma arte do passado, para a qual os objectos só possuem a emo-

ção, que nós lhes damos com o auxilio dos meios, que nos fornecem nossa sensibilidade e nossa intelligencia, e são imagens, que só existem, quando lhes prestamos attenção estricta, ou quando lhes attribuímos valor artistico. E' a mais intensa affirmacão do subjectivismo, a opposição mais viva e mais profunda ao objectivismo dynamico, que este sim é a expressão fecunda do espirito moderno.

Todo o subjectivismo importa em destruição individualista. Na ordem social contemporanea a dissolução que vem desde a revolução franceza, attingiu o seu maximo na grande guerra e ainda se alastra. O signo da nossa actualidade é o formidavel empenho de reconstrucção. Neste cháos, o objectivismo dynamico nos revela o universo nas suas forças simples e eternas e recompõe com os seus fragmentos activos a unidade intellectual e sentimental, creando uma ordem pratica, simples, util, energica. Libertador e constructor, o espirito moderno sabe que ha uma unidade essencial e infrangivel entre todos os seres, os organismos, que por sua vez são órgãos do Todo universal. Uma obra de arte é organismo distincto dos outros organismos, mas por sua vez ella é órgão do pensamento, da emoção, da vida total. Ligar estes organismos particulares ao organismo universal é o senso occulto da cultura. A

obra de arte deve ter uma vida interior em relação com a vida exterior, de que faz parte integrante.

Nesse assombroso trabalho de reconstrução esteja sempre omnipresente e activo o sentimento da unidade universal. E' para o universalismo que tende o espirito humano. Se pudessemos fixar neste perpetuo movimento dos seres e das emoções algumas expressões mais características do espirito moderno, diríamos: 1.º — Todos os seres estão em actividade e em continua transformação, exterior ou secreta á nossa percepção. Por mais apparente que seja a immobibilidade de um objecto ha nelle um indomavel e incessante movimento de todas as suas moléculas. Esse movimento, por mais lento e imperceptível que seja, existe como uma fatalidade. O ser humano deve comprehender, sentir, essa perenne transformação, identica á sua e a arte tem de exprimir ininterruptamente essa sensação e esse sentimento. 2.º — Os objectos destacam-se do ambiente, por sua vez formam ambiente pelos seus volumes e pesos. Não ha objecto tangível que seja impondéravel. A côr e a luz são volumes. A luz tem peso, actua sobre os objectos, geometricamente. Pela sua energia modifica os movimentos e exerce attracção, pelo seu peso é um elemento da gravitação universal. 3.º — O universo fragmenta-se em seres, mas todos estes se unem indefinidamente. A obra de arte

deve exprimir necessariamente essa unidade infrangível e não ser jámais fragmentaria, senão na apparencia. Somos todos universaes e todo o movimento, consciante ou inconsciente dos seres, sejam estes ou não conscientes, levam á unidade primordial. O Universo não é um espectáculo, é uma integração.

Por esse dynamismo a arte se liberta da natureza. A finalidade da arte não é a imitação da natureza. Ella tem o seu fim em si mesma. O espirito humano é tão creador como é a natureza e só se attinge a obra de arte, quando o espirito se liberta da natureza e age independentemente. As fórmulas artisticas, que se limitam a reproduzir a natureza, são de qualidade inferior áquellas que o artista formula como creação individual e livre. Nem todos os povos primitivos se subordinaram á natureza, muitos foram verdadeiramente artistas, creando obras de arte sem imitação, como jogos da fantasia espiritual. Quanto mais uma civilização é artistica, mais ella se afasta da natureza. A arte não é um canto da natureza, visto através de um temperamento, como a paisagem não é um estado da alma. Todas estas formulas subjectivas fizeram o seu tempo. São incompreensíveis hoje. A essencia da arte está nas emoções provocadas pelos sentimentos vagos, que nos vêm dos contactos sensíveis com o Universo e que

se exprimem nas côres, nas linhas, nos sons, nas palavras.

Que é a Natureza? Não é a materia universal. Ella está na materia, na energia, porque nada existe fóra desta, e realiza-se perpetuamente na profunda inconsciencia, independente do espirito humano. No sentido artistico a Natureza é tudo o que se apresenta aos nossos sentidos como exterior a nós. As artes plasticas são as que mais procuram reproduzir a Natureza. A musica é mais independente. Depois da grande vassalagem á Natureza, a arte libertou-se e cria livre de toda a submissão. E' a suprema victoria do espirito humano. A imitação no principio, a libertação no fim. Não ha uma machina, um apparelho, que não seja no seu inicio uma cópia de um facto natural. O primeiro vapor idealizado tinha patas de palmipedes; o avião, azas de passaros. E quando as machinas succediam a outros apparelhos, guardavam a estructura destes. O automovel foi a principio um coche sem cavallos. Depois estas machinas se emancipam da imitação e tomam fórmãs proprias, constituem organismos originaes, distinctos e caracteristicos, fixando o typo, a especie. Hoje, o vapor, o avião, o automovel têm a sua fórmula propria e modelar. Assim será a obra de arte, que a cultura liberta da imitação da natureza para dar-lhe fórmula artistica, fórmula espiritual,

peculiar, como um organismo novo, vindo da força creadora do homem.

Esta independencia da natureza e da arte é uma das maiores conquistas do objectivismo dinamico. O espirito brasileiro ainda não a sentiu e vive por isso no terror cosmico, de que a imitação da natureza e a subordinação a esta são significativas expressões. Somos os lyricos da tristeza, porque ainda não vencemos a natureza, vivemos esmagados, saudosos, apavorados. O brasileiro está no periodo subjectivo, do qual o romantismo é manifestação constante e perturbadora. Póde-se affirmar que o Brasil é um dos ultimos refugios do romantismo. Do lyrismo, que seria a expressão ingenua do entusiasmo natural e primitivo, do lyrismo fecundo, ardente, que eleva o homem além de si mesmo e o transforma divinamente, vencedor da materia, cahimos na deformação romantica, que mascara a realidade e nos entorpece no sentimentalismo. Ha entre a realidade, a materia que se faz arte, e o espirito que a exprime, uma perniciosa zona literaria, mantida pelo academismo, que estraga a visão do real e impede a construcção de tornar-se robusta e sã. A infecção literaria corrompe a política, a arte, a vida.

Em uma terra ardega, que vive o poema da aspiração, não póde haver maior paradoxo do que

este espirito romantico da nossa cultura. . Este espirito é dissolvente e vago. O espirito moderno é dinamico e constructor. Por elle temos de crear a nossa expressão propria. Em vez de imitação, criação. Nem a imitação européa, nem a imitação americana — a criação brasileira. Todos os povos crearam. O proprio americano do norte, ainda inculto, creou. Só o brasileiro se julga incapaz de crear e resignado se humilha na imitação. O nosso privilegio de não termos o passado de civilizações aborigenes facilitará a liberdade creadora. Não precisamos, como o Mexico e o Perú, remontar aos antepassados Mayas, Aztecas ou Incas, para buscar nos indigenas a espiritualidade nacional. O Brasil não recebeu nenhuma herança esthetica dos seus primitivos habitantes, miseros selvagens rudimentares.

Toda a cultura nos veio dos fundadores europeus. Mas a civilização aqui se caldeou para esboçar um typo de civilização, que não é exclusivamente européa e soffreu as modificações do meio e da confluencia das raças povoadoras do paiz. E' um esboço apenas sem typo definido. E' um ponto de partida para a criação da verdadeira nacionalidade. A cultura européa deve servir não para prolongar a Europa, não para obra de imitação, sim como instrumento para crear cousa nova com os

elementos, que vêm da terra, das gentes, da propria selvageria inicial e persistente.

O desejo de libertação é um signal de que ella já está em nós. Até agora todo o nosso empenho andava em imitar. Desde que em nosso espirito rompemos com esta pratica, começamos a fazer cousa nova e cousa nossa. Faremos cousa differente dos Americanos, libertos material e moralmente da Inglaterra. Quebraremos a uniformidade continental, com que nos ameaçam. Faremos cousa nossa, sahida do nosso fundo espiritual, que seja determinada pelo prodigioso ambiente, em que vivemos. Subjugaremos a natureza, para impôr-lhe o nosso rythmo haurido nella propria. Não se trata sómente de criação material, de um typo de civilização exterior. Aspira-se á criação interior, espiritual e physica, de que a civilização exterior das architecturas, dos machinismos, das industrias, dos trabalhos e de toda a vida pratica seja o reflexo.

Para essa criação integral a Academia Brasileira é chamada. A fundação da Academia foi um equivoco e foi um erro. No sentido em que communmente se entende ser uma academia, é esta um corpo de homens illustres nas sciencias, nas letras e nas artes, consagrados pelo talento e trabalhos, summidades espirituaes de uma cultura collectiva. As academias são destinadas a zelar tradições e sup-

põem um povo culto, de que são os expoentes. Deante desse conceito, a Academia Brasileira foi um equivoco. Somos um povo inculto, sem tradições literarias ou artisticas, ou pelo menos de tradições mediocres, que seria melhor se apagassem. O facto de haver raros escriptores ou artistas de primeira ordem não fórma uma tradição. E é ridiculo supôr que as tradições são creadas pelas academias. A tradição não é um artificio. Vem do inconsciente colectivo e, se tem força para impôr-se no curso do tempo, viverá a despeito das academias. O equivoco permaneceu, porque geralmente se imagina que um paiz de Academias literarias alimenta-se de um vasto manancial de producção, que é preciso reger e disciplinar. No Brasil não existe tal producção. A Academia está no vacuo. Não tem funcção possivel a exercer, segundo a tradição academica. E se tem a funcção de regulamentar a intelligencia e crear o academismo, ella é funesta. Foi o seu erro inicial.

Para justificar-se a sua fundação evocou-se a necessidade de defender o Passado "que ameaça ruina, deante do Futuro que não tem fórma" Como em toda a creação, no principio era o terror... O passado é uma ficção. Nós o criamos, o interpretamos e o deformamos. Não tem realidade objectiva. A sua existencia e a sua persistencia são inteiri-

ramente subjectivas. Sob este angulo relativo e realista, o Passado não existe livremente. E' uma sugestão do terror. Como função social é a somma de deuses, de monstros, de fetiches, que se disfarçam em regras, methodos, grammaticas para nos governar e nos limitar. O Passado é o pavor, que perdura em cada um de nós. Se pudessemos dominar-o, vencel-o em nosso espirito, contemplal-o com alma de vencedor, situar-o com justeza, saberíamos extrahir das suas expressões o encanto e a lição. A nossa vida existe verdadeiramente no excedente da herança que recebemos. O que vivemos do passado não é nosso, não somos nós. A nossa vida começa exactamente no ponto, em que se inicia a nossa libertação, ou já no esforço que fazemos para nos libertar das nossas heranças espirituaes. Só dahi em deante começamos a viver a nossa personalidade. Aquelle que não tem forças para essa libertação, para crear a sua vida e fazer della uma força nova, esse na sua humilde submissão não é um homem vivo. E' espectro do passado.

A Academia será uma reunião de espectros? Nas paredes desta sala, como no tumulto das mummies, a tradição gravou para delêite dos espiritos, além da morte, o que em vida elles amaram e fizeram as suas delicias intellectuaes, os versos, os disticos dos classicos, as glosas dos arcades, as balladas

romanticas, as deformações do sentimentalismo, as rinhas grammaticaes? Ou neste Brasil, que prociuram converter em uma China literaria para imperio de todas as velhices, a Academia será uma casta de immortaes em um paiz de immemoriaes?

Para que fomos creados, a que alta e vigorosa missão fomos chamados do nosso cháos intellectual? Para defender a tradição. Tradição de que? Do espirito nacional? Mas isto não é funcção de Academias. O espirito nacional defende-se por si mesmo ou morre. Tradição da nossa literatura? Ella felizmente é incerta, em infindavel formação, e neste periodo allucinante de aspiração, o mal academico poderá matal-a. A nossa missão é manter a ordem nos espiritos, nas artes, nas letras? Seria uma finalidade inutil, porque a ordem é da essencia da vida. Não ha coexistencia sem ordem. O que chamam desordem é uma abstracção sem valor logico. No sentido absoluto, a ordem é o rythmo do universo, a sua fatalidade. E' como a energia, a materia, a intelligencia. A liberdade, essa não é da essencia das cousas. E' uma relatividade humana, que forçamos a existir para a nossa illusão criadora.

O segundo erro da formação da Academia foi copiar a Academia Franceza. A imitação é uma pratica brasileira. Em tudo renunciámos á energia de criar para fazermos commodamente a cópia, que

mal se ageita á nossa indole e ao nosso ambiente. Copiando a Academia Franceza, fizemos logo ao nascer acto de submissão e passámos a ser reflexo da invenção estrangeira, em vez de sermos dynamo propulsor e original da cultura brasileira. Somos excessivamente quarenta immortaes, consagração exaggerada para tão pequena literatura. Justificou-se o quadro forjando-se imprópriamente um “simile” com a adopção do metro, que tambem nos veio da França. Insistiu-se no vicio da imitação, cuja unica vantagem foi tornar maior o quociente dos mortos e o divertimento das eleições mais repetido. Pelo facto de sermos uma Academia não significa devermos reproduzir o figurino francez. A Inglaterra não adoptou o systema metrico, fundou afinal uma Academia, mas fez obra propria e não a cópia servil. A nossa Academia é brasileira. Por que brasileira? Para ser um instrumento energico da formação nacional, uma alavanca do espirito brasileiro. A sua apparição foi um erro, mas já que existe que viva e se transforme. Ha uma vida espiritual intensa, que a Academia desconhece. Deixemos entrar aqui um sopro dessa vida para despertar-nos da somnolencia, em que nos afundámos. O Brasil é movel. Todo o Universo move-se, transforma-se perpetuamente. O espirito do homem corre como a materia universal. “A energia é a vida

única, disse o mystico. E' a eterna delicia" A energia brasileira apossa-se da terra e fecunda-a. Secam-se os valles de lagrimas da tristeza romantica e o optimismo alegra a resurreição. Tudo vive espiritualmente. Só a Academia traz a face da morte.

Ao iniciar-se a criação academica lamentou-se cautelosamente não ter a Academia força para instituir um estylo academico, como toda a arte franceza, convencional, acabado, perfeito. E' para esse estylo academico que por uma fatalidade institucional caminhamos e o attingiríamos se uma rajada de espirito moderno não tivesse levantado contra elle as cousas desta terra informe, paradoxal, violenta, todas as forças occultas do nosso cháos. São ellas que não permitem a lingua estratificar-se e que nos afastam do falar portuguez e dão á lingua-brasileira este maravilhoso encanto da alluvião, do esplendor solar, que a tornam a unica expressão verdadeiramente viva e feliz da nossa espiritualidade collectiva. Em vez de tendermos para a unidade literaria com Portugal, alarguemos a separação. Não é para perpetuar a vassalagem a Herculano, a Garrett e a Camillo, como foi proclamado no nascer a Academia, que nos reunimos. Não somos a camara mortuaria de Portugal.

Já é demais este peso da tradição portugueza, com que se procura atrophiar, esmagar a nossa li-

Espírito Moderno

teratura. E' tempo de sacudirmos todos os jugos e firmarmos definitivamente a nossa emancipação espiritual. A cópia servil dos motivos artisticos ou literarios europeus, exóticos, nos desnacionaliza. O aspecto das nossas cidades modernas está perturbado por uma architectura literaria, academica; a musica busca inspiração nos themas estrangeiros, a pintura e a esculptura são exercicios vãos e falsos, mesmo quando se applicam ao ambiente e aos assumptos nacionaes. A literatura vagueia entre o peregrinismo academico e o regionalismo, falseando nesses extremos a sua força nativa e a sua aspiração universal.

Se escaparmos da cópia européa não devemos permanecer na incultura. Ser brasileiro não significa ser barbaro. Os escriptores que no Brasil procuram dar de nossa vida a impressão de selvageria, de embrutecimento, de paralyisia espiritual, são pedantes literarios. Tomaram attitude sarcastica com a presumpção da superioridade intellectual, emquanto os verdadeiros primitivos são pobres de espirito, simples e bemaventurados.

O primitivismo dos intellectuaes é um acto de vontade, um artificio como o arcadismo dos academicos. O homem culto de hoje não póde fazer tal retrocesso, como o que perdeu a innocencia não pode adquiril-a. Seria um exercicio de falsa literatura

naquelles que pretendem supprimir a literatura. Ser brasileiro não é ser selvagem, ser humilde, escravo do terror, balbuciar uma linguagem imbecil, rebuscar os motivos da poesia e da literatura unicamente numa pretendida ingenuidade popular, turvada pelas influencias e deformações da tradição européa. Ser brasileiro é ver tudo, sentir tudo como brasileiro, seja a nossa vida, seja a civilização estrangeira, seja o presente, seja o passado. E' no espirito que está a manumissão nacional, o espirito que pela cultura vence a natureza, a nossa metaphysica, a nossa intelligencia e nos transfigura em uma força criadora, livre e constructora da nação.

O movimento espiritual, modernista, não se deve limitar unicamente á arte e á literatura. Deve ser total. Ha uma ansiada necessidade de transformação philosophica, social e artistica. E' o surto da consciencia, que busca o universal além do relativismo scientifico, que fragmentou o Todo infinito. Se a Academia se desvia desse movimento regenerador, se a Academia não se renova, morra a Academia. A intelligencia impavida, libertadora e constructora, animada do espirito moderno que vivifica o mundo, transformará o Brasil. A Academia ignora a resurreição que já começa, mas o futuro a reconhecerá. Ella aponta no pensamento e na imaginação de espiritos jovens. Vem

na musica de Villa-Lobos, que dá á nossa sensibilidade um rythmo novo e poderoso, na poesia de Ronald de Carvalho, libertador do nosso romantismo, creador do nosso lyrismo, na poesia de Guilherme de Almeida, livre da natureza e das suas suggestões subalternas, na poesia de Mario de Andrade, vencedor do convencionalismo, constructor alegre do espirito verdadeiramente brasileiro, nas esculpturas de Brecheret, que objectivam dynamicamente o subjectivo, no pensamento, na critica, na poesia, no romance de Renato Almeida, Jackson de Figueiredo, Agrippino Grieco, Manuel Bandeira, Paulo Silveira, Tristão de Athayde, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Oswald de Andrade e mil jovens espiritos soffregos de demolição e construção.

Tudo se harmoniza, espirito e natureza, no fulgurante ambiente brasileiro. O céu não é leve nem subtil para alimentar idéas de debil e fria belleza. Não é um céu classico para cobrir academicos. É um céu ardente, escandecido, longinquo e implacavel, que aspira as forças da natureza, homens e cousas, os eleva, os engrandece e os dissolve na immensidade da luz. O dynamismo brasileiro tem o seu segredo na profunda harmonia com as forças do universo, que aqui se apresentam fecundas, celeres,

volateis, vorazes. Não percamos o equilíbrio neste jogo arriscado com a eternidade.

Sob este céu, encerrados neste quadro da energia tropical, debatem-se os espiritos dos homens. A' margem desta bahia, que o mar fecunda e que a terra contempla numa elevação estatica, os sonhos dos jovens brasileiros se cruzam. Tudo é nitido no espaço ardente; a agua lisa espelha, as ilhas reluzem, as casas inflammam-se, vapores, cupolas, navios, zimbórios, azulejos, pedras, arvores, tijolos, barcos, tudo pesa e tudo se agita. E' o movimento universal na quietação luminosa. Na ansia de posse da Terra e de libertação espiritual, uma voz dirá:

“Tudo isto me apavora e a minha alma não se harmonisa com esta loucura das forças da natureza. A consciencia antiga separa-me do Todo e afasta-me da terra desconhecida. Volto ás raizes do meu espirito. Os meus olhos fecham-se a esta luz aggressiva e só vêem a claridade serena, que illuminou a alma dos meus antepassados europeus. Torno á terra antiga da civilização, reintegro-me no mundo classico, com que se harmoniza o meu pensamento. Ha uma volupia no Passado, que é a atracção da morte”

Outra voz responderá:

“Este é o meu Brasil. A nossa união é immor-

redoura. Nada me afasta da sua energia transcendente, que vibra na minha alma e alegra a minha fusão com esta terra exaltada e fascinante. Os meus olhos não se voltam para o Oriente, de onde vieram os meus antepassados, elles só fitam a immensidade da terra, que avança para o Occidente, e é um dom da energia da minha raça. Repillo os artificios do Passado, deslocado nesta feliz magnificencia sem historia, nem antiguidade humana. Destruo toda esta architectura de importação literaria, grega, rococó, colonial, servil. Destruo toda esta esculptura convencional e imbecil, esta pintura mofina. Destruo toda esta literatura academica, romantica, literatura que só é literatura e não vida e energia. Construo com o granito, com o ferro, com a madeira, que a terra prodiga me offerece, a morada simples, clara, forte, graciosa do brasileiro. Ergo os palacios, as fabricas, as estações, os galpões, não copiando as nossas florestas, os nossos montes, mas com a força dynamica libertadora do espirito moderno, que cria cousa propria. Recolho a lingua do meu povo e transformo a sua poesia em poesia universal. Faço da minha actualidade a forja do Futuro.

O ESPIRITO ACADEMICO (*)

O illustre relator do parecer, o sr. Mario de Alencar, comprehendeu que era opportuno acceitar o debate esthetico, que foi proposto publicamente á Academia Brasileira por um dos seus membros, e sem temor, com elegante cortezia e muita dignidade, se tornou o mais competente, o mais arguto e por isso o mais temivel defensor do espirito academico. Apresentando uma solução neutra, uma opinião média, estribando-se no preconceito do gosto e na categoria metaphysica da belleza em si, o sr. Ma-

(*) Resposta ao sr. Mario de Alencar, relator da comissão da Academia Brasileira nomeado para dar parecer sobre o seguinte projecto apresentado a Academia em 3 de julho de 1924 para reforma dos seus trabalhos:

1) O diccionario, que a Academia pretende fazer, será o "Diccionario da Lingua Portuguesa". Nelle serão incorporados todos os vocabulos e phrases da linguagem corrente brasileira, *impropriamente* chamados *brasileirismos*. Os "*portuguezismos*" ou expressões da linguagem usada exclusivamente em Portugal, sem uso corrente no Brasil, não serão introduzidos nesse diccionario brasileiro da lingua portugueza.

2) A Academia não aceitará para os seus concursos:
a) poesias *parnasianas*, *arcades* ou *classicas*;

rio de Alencar entendeu que a Academia não pôde ter uma attitude literaria extremada, que se firme em criterio individual. As Academias são o somnolento refugio do scepticismo. Para o espirito academico tudo é permittido, desde que se busque a "belleza em si" "tudo é legitimo em arte com a condição de ter "belleza" e "sinceridade" "tudo em belleza" é eterno, está fóra da noção do tempo, não ha passado, nem presente, a propria alma archaica vive na actualidade uma resurreição; as suas fórmãs, as suas imagens, os seus archaismos são legitimos"

Contra este espirito academico, que leva ao diletantismo esthetico e á inacção social, reage o espirito moderno.

A questão essencial, que foi proposta ao exame da propria Academia Brasileira, é a de indagarmos

b) poesias, romances, novellas, contos ou qualquer trabalho de ficção, de assumpto mythologico, que não seja do "folk-lore" brasileiro, tratado com espirito moderno;

c) obras de historias estrangeira, antiga ou moderna. As obras historicas brasileiras devem ser 'tratadas com espirito critico moderno, que sabe situar o passado e libertar-se do passadismo.

3) A Academia promoverá conferencias publicas, feitas pelos academicos, exclusivamente de assumptos actuaes philosophicos, estheticos, literarios ou sociaes, que tenham relação com a cultura brasileira.

4) Todos os trabalhos publicados pela Academia, as conferencias dos academicos e as obras premiadas pela

se é preferível que ella continue a ser uma simples sociedade de passatempos literarios, mais ou menos estereis, a transformar-se em órgão activo da vida nacional, dynamo da espiritualidade brasileira. O projecto de reforma dos seus trabalhos e da sua orientação em seguida á conferencia sobre o “Espírito Moderno” aspirou dar um golpe definitivo ao eclectismo academico, e extremando a acção da Academia, tornal-a um organismo util á literatura brasileira, um factor social incorporado ao sentimento nacional, seu representativo, seu guia. Para cumprir-se tão urgente funcção, fôra preciso a Academia nacionalizar-se e modernizar-se.

Seria impertinencia imaginar-se que o projecto pretendeu dar lição de patriotismo á Academia. Não se cogitou de preocupação tão restricta. O nacionalismo que se exige da Academia, é a intelligencia do enthusiasmo brasileiro, é a conformação

Academia serão em linguagem corrente, usual, expurgada de todo o archaismo ou de expressões do denominado classicismo verbal portuguez.

5) A Academia fará cada semestre um estudo critico moderno do movimento literario brasileiro, tendo em attenção principalmente as novas correntes philosophicas, literarias e artisticas.

6) A Academia fará imprimir as obras dos jovens escriptores, que não encontrem editores e trouxerem á literatura brasileira originalidade e modernidade.

7) A Academia solicitará dos escriptores modernos, premiados ou não por ella, trabalhos originaes para a sua revista.”

á vontade de ser brasileiro em tudo, é o impulso perenne e infatigavel a todas as affirmações do espirito brasileiro. A condição essencial do "ser brasileiro" é ser moderno. Se somos uma nação nova, se ainda estamos a caldear as raças formadoras do paiz e a conquistar os nossos desertos, se somos arrebatados para o futuro pela miragem da esperança, como voltar os nossos olhos para trás, rebuscando inspiração nas incertas tradições de confusos ou desdenhados antepassados? Literatura, quando a vida se nos abre feraz e voraz, quando de cada gotta do nosso sangue jorra o impeto da criação, que vence a materia e é uma força natural, e não tem memoria livresca. O modernismo é a função do nacionalismo. Seria um disparate uma terra joven e tropical, uma nação adolescente cobrir-se das cans portuguezas, baralhar caducas allegorias gregas, brincar com insipidos tropos latinos. São estes os jogos que propõe o espirito academico á intelligencia brasileira.

A illustre commissão da sceptica Academia responderá que nacionalidade e modernidade são jogos a que ninguem se exime. E' paradoxal o subterfugio academico. Quantas tradições a falsa cultura não impõe ao nosso sangue brasileiro, á alma nacional, que nos inspiraria outras creações se a deixassemos livre ou a orientassemos dentro do seu

proprio quadro sentimental? Quantos nefastos desvios da actualidade não soffremos pelo perfido veneno do passado? Em apoio do absolutismo da sua these, o parecer evoca o caso de tres grandes escriptores, que se conservaram sempre eminentemente brasileiros, apesar da cultura européa, de que foram insignes portadores neste paiz. O testemunho da obra desses escriptores destróe a demonstração que tenta inutilmente o parecer. O que nella attestamos é o esforço de cada um delles em deformar a nacionalidade do seu temperamento, vencel-a, expulsal-a. Machado de Assis fez-se artificialmente saxonio ou classico hellenico, quando não simples portuguez. Ruy Barbosa deformou a sua naturalidade brasileira, provinciana, na armadura quinhentista, tomou modelo aos inglezes e americanos. Joaquim Nabuco, de inspiração romana, ingleza, foi escriptor francez. “Eu lia muito pouco o portuguez, confessa elle, na minha mocidade. o resultado foi que me senti solicitado, coagido pela espontaneidade propria do pensamento, a escrever em francez. Com effeito, não revelo nenhum segredo, dizendo que a minha phrase é uma traducção livre e que nada seria mais facil do que vertel-a para o francez, da qual ella procede.”

Em todos elles o character nacional soffreu a deformação dos antigos ou dos estrangeiros. Não fo-

ram escriptores modernos, nem integralmente brasileiros. Seriam ainda mais nossos se fossem fieis á pureza nativa, que lhes brotou o engenho, e não deformados pela falsa cultura, que tornou mortas as partes artificiaes das suas obras.

Todo o esforço do espirito academico é desnacionalizar e envelhecer o escriptor, tornal-o um neutro elegante, um producto convencional da litteratura. Por isso o espirito academico proclamará, como o parecer, que todos os grandes escriptores de todas as litteraturas se inspiraram dos themas do passado, da mythologia classica, das lendas, da historia nacional ou estrangeira. Se a litteratura brasileira tivesse constantemente homens universaes da genialidade de Shakespeare, Milton, Gœthe, Schiller, Racine, Shelley, Byron, Baudelaire, Mallarmé, tudo lhes seria permittido, e o passado seria a eternidade. Mas os nossos Shakespeares, quando se embrenham no passado e se servem das lendas classicas ou peregrinas, praticam a falsificação fria e en-sossa. E' exactamente para evitar esses exercicios de pura rhetorica, de virtuosismo e diletantismo, que a Academia, na sua funcção nacionalista, é convidada a afastar dos seus concursos as obras de assumpto estranho á alma brasileira. Não quer dizer que esta restricção prive a nossa litteratura de obras historicas ou lendarias de fundo estrangeiro. A

Academia é que não as deve estimular, para obedecer á tactica da tentativa da sua renovação, que se ajusta ao pensamento capital de nacionalizar e modernizar o espirito brasileiro.

No empenho de vivificar o nacionalismo literario, o projecto suggeriu que fossem admittidos aos concursos da Academia os trabalhos inspirados no *folk-lore* brasileiro. Seria incitar os jovens escriptores a descer ás fontes da magia nacional, e das lendas raciaes criar com espirito moderno obras infinitas. Seria dar vida perenne ao que de mais remoto jaz em nossa memoria collectiva. O parecer recusou-se a comprehender que nesta restricção o pensamento do projecto era proporcionar á Academia uma funcção de nacionalismo moderno. Defendeu o ponto de vista eclectico, insistiu para que igualmente sejam acceitos trabalhos provindos da mythologia grega e concluiu, categoricamente, que supprimir symbolos como o de Prometheu, Apollo, Minerva, Venus e semelhantes seria fechar o proprio pensamento. Quantas raças existem que não conhecem a mythologia grega? Quantos escriptores chinezes, japonezes, hebreus, hindús, arabes, orientaes em geral, philosophos, moralistas, poetas, romancistas, são inteiramente estranhos ao Olympo e suas figuras? Quantos no proprio occidente tiveram pensamento aberto ao Universo, o espirito alado, e

ignoraram ou pelos menos não deram atenção a esses deuses gregos? Não é provavel encontrar-se uma só reminiscencia de mythologia classica nos poemas sublimes desses creadores da poesia moderna, Walt Whitman, Lautréamont; talvez por acaso uma vaga allusão de Rimbaud ás Erynnias. Foram poetas e não literatos.

Os mythos gregos estão mortos, não ha sensibilidade moderna que os resuscite. Os nossos só agora estão nascendo para a esplendida vida universal. Os gregos fixaram os seus mythos pela crystallização, em que entrou o proprio espirito criador delles. Ao que receberam deram fórma e vida, e os mythos, as allegorias, incorporaram-se á alma hellenica. Com a morte do paganismo foram-se-lhes a força e a vida, tornaram-se puras ficções literarias. Libertemo-nos do fardo de as repetir. Creemos as nossas imagens de accôrdo com a vida contemporanea, como os hindús, os egypcios, os gregos e todos os antigos crearam os seus deuses e os seus mythos, que foram idéas-forças. A nossa cultura transformará em cousa viva as lendas da nossa natureza, que são a expressão mais intima do nosso meio physico. A metaphora vem da vida. E' preciso coincidir, dizem os modernistas, com o tempo, com o presente. A metaphora é a imagem crystalizada da crença, do totemismo, como será a imagem dos factos physicos, das entidades naturaes que movem o nosso espirito

e alimentam as nossas idéas. A metaphora classica é o lugar commum. A metaphora moderna é a surpresa esthetica da realidade.

Para repellir a offensiva do espirito moderno, a metaphysica academica inspirou ao subtil defensor da Academia uma these estranha. "Haverá ao puro aspecto da belleza em si e ás formas da belleza, pergunta o parecer, lugar para a distincção do passado e do presente?" E conclue affirmando: "O que é certo é que só o passado dá a materia da poesia" A belleza em si? E' inutil accentuar a inanidade dessa vaga metaphysica. As "cousas em si" não resistem ao criterio relativista, que domina todo o conhecimento. Não é preciso invocar o apoio do moderno Einstein, basta recordar que o passadista Protagoras inscreveu a formula do relativismo philosophico, quando proclamou ser o homem a medida de todas as cousas. Na idéa de belleza não está a essencia da arte. Na "Esthetica da Vida" escreveu-se: "A associação da idéa de belleza á idéa de arte é perturbadora para a verdadeira explicação do sentimento esthetico. Nenhum preconceito tem sido mais vivo do que este que faz do bello o fim da arte e a razão de ser. A essencia da arte, que está naquelles sentimentos vagos da unidade com o Universo, não se póde restringir ao conceito abstracto do bello. A arte não reside sómente naquella

sensação indeterminada do que convencionalmente se chama belleza. Que é a belleza? Nada mais indefinível e incerto. A belleza em si, a belleza transcendente, é uma idéa abstracta, cujo subjectivismo é infinitamente variavel. O bello é um perpetuo equivoco entre os homens”

Neste conceito da relatividade encontra-se a justificativa da oportunidade do espirito moderno. Se a essencia da arte reside na emoção do Universo, no espirito humano, que é transmittida pelos sentidos, produzindo-se em fórmulas, sons, côres, tactos, sabores, palavras, essas expressões são susceptíveis de variação, conforme a evolução da sensibilidade. O contrario seria suppôr a absurda parada da vida, da intelligencia e do sentimento. O passado é o que foi; deslocar-o para o presente é deformação, é decadencia. Queremos criação, coincidencia. A verdadeira tradição do espirito é progredir, não estagnar, não retroagir. A bizarra conclusão do parecer de que “só o Passado dá a materia da poesia” é o supremo paradoxo academico. Não haverá poesia no movimento, na esperança, na illusão, no perpetuo fieri do Universo? Onde mais intima poesia do que a nossa actualidade exaltada, porque é a vida que estamos vivendo, tecida com os nossos desejos, nossos enganos, nossos extases e nossas misérias? Que manancial de poesia mais allucinante

Espírito Moderno

do que o do amor, que nos arrebatava, nos faz sofrer e esperar, nos domina e nos mata? A Academia, envolta em sua formula passadista, responde a estas interrogações anciosas que para ella só o Passado dá a materia da poesia. . .

Ao seu culto da Morte nós oppomos a poesia da vida, da energia, do momento, da esperança, do futuro.

O projecto foi rejeitado. O seu autor dirigiu a Academia a seguinte carta de adeus:

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1924.

Exmo Snr. Presidente da Academia Brasileira,

Desde que na sua ultima sessão a Academia rejeitou o projecto que apresentei no intuito de modernizar a sua actividade, dou por extincta a minha função academica. Poderia afastar-me sem explicações, como outros já fizeram por motivos pessoais, num gesto de desdem por essa instituição. A attitude, porém, que tomo, é de ordem geral e deve ser explicada. Convidado para membro fundador da Academia, escrevi a Lucio de Mendonça recusando a minha participação por julgar a criação desse instituto prejudicial á nossa joven lite-

ratura, cuja vibração e desordem fecunda seriam juguladas pelo espirito academico. Machado de Assis e Joaquim Nabuco insistiram de tal fôrma pela minha collaboração, que, num sorriso sceptico, me resignei á Academia, louvando a incoherencia, que me fazia companheiro de tão grandes espiritos, infrangíveis espelhos de educação e belleza moral para os academicos. Longos annos deixei-me ficar nesse suave convivio, um pouco desinteressado dos trabalhos da Academia. Ultimamente resolvi intervir no movimento literario brasileiro. A Academia é uma contradicção do espirito moderno, que agita e transforma todo o Brasil. Perante a opinião publica, que a deve policiar, entendi estimular a Academia a orientar-se por esse espirito novo. Em seguida ás palavras que lhe dirigi apresentei o projecto de reforma dos seus trabalhos com o proposito de nacionalizar-lhe e modernizar-lhe a acção. O projecto foi rejeitado. A Academia quer persistir na sua posição eclectica e antiquada, nefasta á literatura brasileira. Recusa-se a tornar-se um organismo util e activo, um factor do moderno sentimento nacional, seu representativo, seu guia. A Academia Brasileira morreu para mim, como tambem

Espírito Moderno

não existe para o pensamento e para a vida actual do Brasil.

Se fui incoherente ahi entrando e permanecendo, separo-me da Academia pela coherencia.

Queira, Sr. presidente, receber as expressões da alta consideração do seu admirador e amigo.”

MOCIDADE E ESTHETICA

Longo tempo faltou ao Brasil o espirito de mocidade. "Nascem velhos os moços de hoje" exclamou-se em 1914, deante do espectaculo de uma juventude destituida de qualquer ideal, mesmo do que vem da consciencia da energia, do vigor physico, do athletismo. Os jovens daquelle época, avidos de um emprego publico, que fosse um ocio, formavam na clientela dos politicos. No emtanto o espirito de mocidade já havia soprado, ardente e soffrego, por todo o paiz. Na aurora da nacionalidade, a Independencia, o sete de abril, foram movimentos da gente moça, embora alguns chefes fossem homens velhos. As duas grandes evoluções sociaes, a abolição e a republica, foram principalmente actos da mocidade. Não se poderiam realizar sem o enthusiasmo juvenil, sem o desinteresse, sem a belleza do sacrificio, de que só os moços são prodigos. Elles não hesitaram entre o sentimento e a razão. Filhos de senhores de escravos, destruíram abnegados o patrimonio familiar, que lhes seria a fortuna. Herdeiros de chefes politicos, des-

denharam as perspectivas da facil participação no governo do paiz para derrocarem a monarchia.

Foi a mocidade militar, que determinou a acção dos chefes Deodoro e Benjamin Constant. Sacrificando-se, os jovens abolicionistas, e republicanos acertaram em bem da patria. O sentimento, que se afigurava loucura, era presciente, antecipava a evolução fatal, tornava benigna a transformação. O interesse, que mantinha a escravidão e a monarchia, era retrogrado e nefasto ao paiz. O espirito de mocidade, inspirado do puro sentimento, venceu o interesse e teve razão contra a razão.

A acção da mocidade na ordem politica foi precedida de uma transfiguração intellectual caracterizada na arregimentação positivista do Rio de Janeiro e na escola do Recife. O espirito joven libertou-se do que a tradição escolastica lhe offerecera na philosophia, na sciencia, no direito, e celere metamorphoseou-se no positivismo e no monismo. Ainda que mal preparados scientificamente, os jovens adoptaram estas duas formulas como disciplinas integras do pensamento. Os positivistas buscaram subordinar os phenomenos sociaes ao rigor mathematico e á solidariedade religiosa. Os monistas interpretaram o universo, a sociedade, pelo simile da evolução biologica. O que inspirava e unificava ambas as correntes era o mesmo impulso de

revolta e de libertação. A revolução social foi a fatalidade desse novo espírito brasileiro. Quasi todos os abolicionistas e todos os republicanos eram emancipados intellectualmente.

Transbordando nas duas libertações sociaes, aquelle sublime espirito de mocidade submergiu na inconsciencia nacional e desapareceu do Brasil. O que substituiu foi o instincto rude e cupido. A abolição e a republica dividiram a nação em duas épocas diversas e antagonicas. Os titans da destruição do antigo regimen sentiram-se logo em desequilibrio com o resultado tumultuario da transformação social. Todos os instinctos mais primitivos, todas as aspirações mais grosseiras desencadearam-se sobre a terra brasileira. Ao passo que se foram apagando e evaporando as tradições, surgiu o “homem novo” E’ o rebento da mestiçagem, a flor da plebe. Com animo de depredar, dominar, gosar, invade a sociedade, de que os seus incertos antepassados eram excluidos. E’ vingativo como filho de escravo, que se liberta, rancoroso como um pária, que ruma longamente a sua desforra. E’ bestial e ladrão. A sua audacia o leva a dominar pelo terror. A sua astucia o torna bonzo da velhacaria. Ascende ás alturas, mas o traço fundamental não se lhe extingue no successo. Ostenta sempre o mesmo complexo de malvadez, de ganancia, de audacia. Vem

geralmente de uma raça de salteadores sanguinários e a nação é para elle o campo da rapina. Infiltra-se por toda a parte, onde ha o que comer e o que roubar. Sonha eternamente com a bombança. Si é a politica que dá o regabofe, apodera-se della, si é a imprensa, torna-se jornalista ameaçador, temido de todos, si é o dinheiro, esforça-se por adquiril-o e com elle tudo corrompe. Escrupulos? Onde buscal-os? Na raça? Mas esta é equivocada. E' a dos mestiços, dos cigãos, e frutificou na torpe promiscuidade. Na educação? Só é efficiente quando tradicional, secular. O "homem novo" é livre, mas a liberdade que despende, não é a independencia do espirito, a soberania do pensamento, não é a afirmação da consciencia juridica. A sua liberdade é a dos instinctos, a da perversão, a do "avança" aos bens materiaes. Não pensa, não tem idéas, foge de tudo o que lhe elevaria a ansia de desforra, do proprio anarchismo, do bolchevismo, que ainda são expressões de idealismo. Todo o toque de ideal lhe repugna. Tem pansa e órgãos inferiores. E' o tenebroso demonio da concupiscencia, do odio e da rapacidade. Se alguns se servem de idéas é para melhor illudir e satisfazer astutamente os appetites da fome e da luxuria. No fundo da rhetorica, que, vaidosos, espadanejam, vibra forte, dominador o instincto voraz e irreprimivel. Esses falsos intelle-

ctuaes não sobem ás espheras da poesia ou da suprema religiosidade. O espirito lhes é infernal. Agitam-se nos circulos inferiores da politica, da imprensa e da rabulice. Esta petulante legião de “homens novos” desarraigados, que tudo devasta, absorve a macula, é a praga, o flagello, a vergonha da sociedade brasileira. Deante da sua invasão, a alma desinteressada da mocidade idealista se eclipsa. Privado desta força vital o Brasil envelhece, soffre de uma crise de decrepitude precoce. Tudo definha na preguiçosa languidez tropical. As energias solares não exaltam os homens e não lhes dão o impulso criador. Exgotam-lhes o animo, entorpecem-n’os, crestam-n’os. Os estrangeiros apoderam-se do paiz e o brasileiro assiste indifferente á conquista tenaz e cobiçosa. Apenas entreteem-se nos jogos mediocres da politicagem, na illusão de governar o que na realidade tem outros donos. Numa dolorosa mistura de decrepitude e infantilidade a intelligencia é debil. Não tem expressão propria, compraz-se na imitação. As idéas recebidas e gastas perduram nesse terreno molle, o passado prolonga-se indefinidamente. Borbulha uma geração de grammaticos, de poetas morbidos, enxames de escrevinhadores, germinados na vasa putrida da intelligencia estagnada. A mocidade, mofina e parasitaria, apega-se ao organismo decrepito da nação... Mas

veiu a grande guerra. Foi a incommensuravel ferida humana e a dor universal despertou por toda a parte a consciencia dos povos.

O Brasil recebeu a onda de resurreição e começou a rejuvenescer pelo sentimento nacional despertado. Teve a prodigiosa revelação de que é uma nação joven, que o espirito de mocidade viera de novo possuí-lo e fecundar. Desde então se lhe apodera uma ansia de vida ideal. Se aquelle “homem novo” audaz e cynico, desarraigado e cupido, torpe e venal, ainda persiste nas posições conquistadas durante este longo periodo de torpor, a elle se oppõe o joven moderno, desassombrado e puro. Este vivificador traz o olhar agudo, que penetra e dissolve todas as mystificações. Nada resiste á sua força de destruição e ao seu empenho de reconstrucção. Elle é hoje o personagem mais interessante e mais tentador do drama brasileiro. Onde nos conduzirá esse espirito de mocidade? E’ a magia da incognita, que fascina a nossa ardente curiosidade. E’ proprio da juventude a imitação; começa-se quasi sempre seguindo alguém, repetindo alguma cousa. Mas quando os jovens saem das fileiras processionaes e buscam criar uma nova ordem, que maravilha! Imaginemos que no Brasil haja desses jovens iniciadores, e sem muito indagar o que elles querem, contemplemos o que elles fazem.

Espirito Moderno

Não será aventuroso affirmar que a acção desses jovens será a de modernizar, nacionalizar e universalizar o Brasil. São trabalhos formidaveis a que se arriscam. Para executal-os, possuem a gymnastica intellectual que os torna ageis, decididos, claros e energicos. Pertencem a uma geração sportiva, de cuja rudeza athletica livraram o espirito, que plana e ataca. São livres de movimentos, a visão nitida dissipa as miragens, que embaciaram a intelligencia paradoxal dos velhos brasileiros. Ao romantismo, que allucina e enlouquece, oppõem o senso profundo da realidade e a acção dynamica do objectivismo, inseparavel da materia e expressão da dominante energia espiritual. O accesso febril de literatura, que viciou o ambiente brasileiro, será absorvido pelo excesso de vida do organismo nacional. Não ha mais logar para a arte de fadiga, aquella arte de sanatorio que já repugnava ao saudavel Gœthe. A arte é uma actividade sadia do espirito humano na sua dominação da materia. E' uma libertação. E ahi está o senso occulto do modernismo, porque o resto, o comprehensivel, a actualidade da arte, a sua manumissão do passado, são consequencias previstas da propria gymnastica intellectual do artista moderno.

O estádio, onde luta, evolve, corre o joven intellectual brasileiro é o seu paiz e o Universo. E'

preciso conhecê-los, interpretá-los sabiamente como o athleta conhece a arena. Por isso a mocidade que surge é poderosamente analysta. Analysar a Terra, examinar todas as possibilidades do paiz, sondar os seus abysmos physicos e moraes, é a lição sportiva que retempera a armadura do joven moderno. Por esse supremo methodo, o conhecimento não se limita á analyse das forças actuaes e perennes, estende-se ao passado para saber as origens, e situar os factos nas suas épocas com limpidez e decisão, sem recorrer ao engodo da perspectiva convencional.

A acção do joven moderno será eminentemente social. A esthetica, que o inspira, lhe patenteará pela analyse o que é o Brasil e quaes os trabalhos extremos a que se deve consagrar. Na incorporação ao paiz é que está a politica dos jovens esthetas. Como as antigas mocidades elles serão actores nos acontecimentos nacionaes. Compreenderão que o facto capital da sociabilidade de uma nação é o equilibrio das classes, fundadas em interesse organicos. Sem esse equilibrio haverá despotismo e escravidão. O direito é uma idéa de relação entre os individuos, como o espaço é a relação entre os corpos. O direito publico é a fórmula do equilibrio das classes, como o direito privado é o equilibrio das familias e o direito internacional o dos Estados. No Brasil só ha

uma classe organizada, a classe militar. Só ella tem as condições de vibratilidade, expansão, consciencia collectiva que a tornam um verdadeiro organismo. E' preciso que as outras classes se organizem para que se realize o equilibrio nacional e se pratique de verdade o direito publico.

Tal é o grande trabalho politico a que é chamada a intelligencia brasileira. E' uma obra de construcção que se serve de elementos materiaes, interesses económicos, riquezas, cooperação de bens, socialização da terra para equilibrar as classes e visa como synthese a cultura espiritual da nação. Certamente não ha cultura collectiva no Brasil. As populações jazem afundadas na ignorancia selvagem, de que o animismo fetchista é a expressão viva, a feição pitoresca que o diletantismo literario explora e não quer ver substituida pela civilização. Dessa matriz do primitivismo pôde sahir ingenuamente muita belleza e muita emoção. Mas será a resultante natural e espontanea da gente singella. Aquelles que receberam o fluido da cultura, e cujos olhos se desvendaram, não podem voltar á innocencia perdida. Em vez deste artificio, deste recurso desesperado ou fallacioso ao diluvio da ignorancia para que appellam os povos fatigados, o que nos compete fazer é extremar a cultura, manejar-a como alavanca que revolve e prepare o terreno para

a construcção que desafie a natureza, liberte-se della, seja obra pura do espirito livre, creação humana independente, sem a imitação das formas innumeráveis, que para a obra de imitação nos offerece insidiosamente a natureza.

A maxima cultura não só vence a materia universal e cria verdadeiramente o homem, como o liberta da deformação sentimental, da inversão dos valores que a pessima e deficiente cultura espalha. Toda a praga literaria é extirpada. O romantismo, que fórma a literatura dos possessos, dos melancolicos, é dominado pelo espirito moderno objectivo e dynamico. Se este realismo nos leva ao classicismo, seremos classicos, no sentido de simples, directos, intimos das cousas, indifferentes á literatura e ás suas pompas. E esse classicismo profundo, porque é o pensamento e a linguagem de uma "classe" e essa classe é a dos espiritos cultos, separa-nos de todo aquelle classicismo verbal, de palavras mortas, de phrases antiquadas exclusivamente literario e artificial, que a nossa imprecisão technica considera modelar por ser o estylo e a lingua dos velhos escriptores. O joven moderno possui a technica, que lhe dá a segurança, oriunda do conhecimento. O seu processo mental, rapido e desassombrado, sabe classificar e eliminar para melhor agir. Sobretudo é criador de personagens, de idéas, de imagens, de ex-

pressões que são disciplinadas á sensibilidade do nosso tempo. Se alguns ainda não disassociaram a materia e as sensações e prolongam a confusão, pouco a pouco se vae realizando esse trabalho intimo de discriminação. Não tardará muito que os homens modernos deixem de repetir o grego, o gothico, a renascença pelo ferro e pelo cimento. A estes materiaes modernos devem corresponder criações independentes e actuaes, que satisfaçam logicamente ás sensações de mobilidade e firmeza que elles suggerem. Assim será nas outras artes, na poesia e no romance, uma *naturalidade* suprema, que é o segredo da harmonia transcendente dos elementos da construcção espiritual.

Essa esthetica é a expressão de toda a energia moderna. Se o Universo só pôde ser entendido estheticamente, na impossibilidade de uma explicação rigorosamente scientifica, afastadas as hypotheses religiosas, o conceito esthetico alarga-se e vale pela philosophia que elle absorve integralmente, porque para o espirito humano tudo é forma, tudo é imagem, tudo é arte. A psychanalyse enganar-se-ia se, numa pretensão philosophica, reduzisse o conceito da vida humana ao paradoxal pansexualismo. Ha muita cousa no homem e na vida humana extranha á subconsciente furia sexual. Nada ha, porém, extranho á intelligencia e esta é soberanamente

esthetica. O “pan-esthetismo” é o reducto do espirito humano e delle não ha força philosophica, religiosa ou scientifica que o desaloje. O espirito tudo transmuda em funcção esthetica, seja a religião pela criação das formas, pelo movimento ascensional do homem á divindade, seja a sciencia na analyse, na synthese, na transformação da materia, seja a arte pela naturalidade realizadora dos valores essenciaes e pela fusão do ser humano no Universo, seja a politica no equilibrio das classes, na geometria da construcção nacional, na trajetoria do destino do paiz, seja a simples vida que é a busca da harmonia entre os seres e destes com o Universo, de que são fragmentos, em tudo a esthetica como a sublime luz, que é dada aos ephemeros para perceber nas miragens da consciencia o inexoravel e infindo mysterio do Inconsciente.

A Esthetica é uma philosophia de mocidade, porque só a mocidade sabe e póde vencer o Terror e transformar tudo em alegria.

INS

RAIZES DE IDEALISMO

A civilização é uma violencia do homem á natureza. Por mais brutal que seja o impeto, uma força ideal, remota, obscura, intangível, está na origem da energia criadora. A civilização é o mysterio, em que se cumpre a fatalidade da união dos homens para vencer a materia universal. Expressão externa e collectiva do rythmo individual, traz em si o germen do idéalismo. Se ha povos sem a proeminencia daquella magia extasiada na religião, na philosophia ou na arte, ha em todos um residuo espiritual, que um dia transmudará o maximo do realismo em funcção de idealismo. A propria realização americana, opposta ao traçado do civilizador europeu, revela-se idealista nas suas syntheses sociaes, na sua democracia, no fabuloso poder do dinheiro, na transbordante philantropia, no excesso da força, na rapidez da acção, na aspiração ardente e ingenua de renovar o mundo. O povo americano, no desenvolvimento da parabola da sua historia, tráo as origens mysticas dos seus formadores quakers, fenianos, sonhadores do ouro, anarchistas e os demais transviados do idéal.

No Brasil o idéalismo propulsor da nacionalidade é uma predestinação. A terra surgiu do inconsciente immemorial, revelada por homens possesores da loucura dos descobrimentos. A inquietação é o fardo da vida do espirito. Nascido de um sonho de navegantes, o Brasil ficou para sempre enfeitado pela miragem. O espirito secreto, que inspirara os allucinados do desconhecido, soprou em todos os recantos do paiz e insuflou para sempre a nacionalidade. E' o espirito de progressão. Transplantada ao Brasil a raça portugueza, a sua lei de constancia vital determinou a força indomavel, que desbravou, subjugou e disciplinou a terra. O idéalismo tornou-se consciente e agiu como suggestão no decurso da civilização brasileira. A historia colonial é uma affirmação de idéalismo patriotico, installação no solo, organização da collectividade politica, que espiritualmente é a nação. A' aurora do seu surgimento, já o Brasileiro apparece como collaborador do Portuguez por vezes o supplantando, na repulsa das invasões perturbadoras, na conquista systematica do paiz, que é elaborada como uma obra de estado.

O idéalismo affirma-se e progride. Em toda a expressão de progresso ha um idéal de perfeição. Na historia do Brasil esse idéal de perfeição é sempre proseguido, como se fosse a finalidade do espirito

collectivo. A Independencia do Brasil é um facto de idéalismo. Veiu naturalmente do instincto de revolta nativista, resultou da crystalização do sentimento nacional e exaltou-se das idéas que flammejaram na independencia da America do Norte e na Revolução franceza. Na “*Esthetica da Vida*” escreveu-se, e aqui se repete, que jamais o homem brasileiro foi tão senhor e tão grande como naquella época. Um espirito de mocidade o conduzia. Para o valor homem o grande movimento da historia foi a Renascença. A personalidade humana nesse ardente e fecundo instante expandiu-se vivaz e livre, não conheceu limites á curiosidade da intelligencia, não refreiou as paixões e tudo foi um deslumbramento de forças intellectuaes e sensuaes, que refez o mundo e renovou a sensibilidade. A Renascença do Brasil foi a época da Independencia. O homem unico, o homem universal appareceu como furtivo clarão na vida do Brasil. Os “homens” não foram sómente os conductores do movimento. Foi uma vasta floração da personalidade humana, manifestada na luta politica da independencia nacional que tornou ousado o character. O exemplo da revolta do Principe, que se fez Imperador, deu o contagio da independencia a todos. Foi uma insurreição geral dos espiritos, que inflamou o sentimento nacionalista e repelliu toda a vassalagem de Portugal, purificando-se de

todo o cosmopolitismo. Neste maravilhoso instante da nossa historia havia o orgulho de se sentir o homem novo de uma patria nova. O nacionalismo no alegre nascer da patria foi a affirmação da vontade brasileira. Nesse tempo, a incandescencia nacionalista não temia os compromissos despertados pela necessidade de povoar o sólo, pelo destino economico do paiz, que exige a collaboração estrangeira. O homem brasileiro naquelle alvorecer nativo tinha a illusão de se bastar a si mesmo.

A essa energia valorosa juntou-se o idéal de perfeição, que inspirará os Independentes. Estes geometras da politica procuraram architectar o paiz segundo um plano idéal. Ensaiou-se uma "Cidade de Deus" politica. A monarchia não foi só uma suggestão colonial e uma logica continuação, melhor que uma incerta substituição. Foi tambem a cupola do edificio, e sob o domo o Poder Moderador apparecia como imagem da Razão, da Justiça e da Divindade, presidindo magesticamente a innumeravel theoria dos factos.

O artista revelou-se no constructor politico. Desde então a formula, consciente ou inconsciente, da historia do Brasil, é esta: "idealismo e como função de idealismo a busca incessante da perfeição." Se não é attingida, o esforço permanece irremediavel, porque idealismo e ansia de perfeição di-

manam daquella qualidade essencial da alma brasileira, a imaginação. Na sua pureza primitiva será um estado de magia, uma illusão da representação do Universo, mas ao influxo da cultura torna-se criadora de idealidade, dynamo de idealismo, chama da perfeição paradoxal.

O Imperio desenvolve-se nesta progressão. Combate-se pela unidade do paiz, defendem-se as fronteiras, traçam-se as linhas divisionarias das nacionalidades antagonicas, constróe-se a muralha imaginaria da patria. E a elite governa o povo com as ficções transplantadas exoticamente de outros estados, tudo pela suggestão de um idéal de perfeição politica, que parecia crystalizar-se na monarchia parlamentar. Não tardou uma explosão de idéalismo nesse ambiente de hierarchia. A Abolição foi uma idéa que se fez todo o sentimento violento de um povo. Apoderando-se da emoção do paiz, tornou-se invencivel e na celeridade do seu movimento, tudo arrebatou, tudo desmoronou e exigiu a contribuição de todos para o seu triumpho. O que fizeram a monarchia e os estadistas não foi mais do que satisfazer, como pacificadores, as imperiosas exigencias da sensibilidade popular. E neste sentido, a abolição foi um acto revolucionario e ao mesmo tempo esse delirio de abnegação collectiva marcou na vida brasileira o mais bello instante da nossa

emoção nacional. Cada um procurava exceder-se a si proprio e aos outros no desinteresse pela causa da redempção. A principio a idéa aponta ao longe no espirito de alguns inspiradores. Pouco a pouco foi ganhando as almas e mais tarde uma grande préamar espraia-se pelo paiz inteiro. Ha um repentino fervor de piedade e que se deve chamar a loucura da abolição, como no tempo das perseguições aos christãos, houve a loucura da Cruz. São povoações que eliminam do seu recinto a escravidão, são provincias que se redimem, são senhores que se empobrecem alforriando massas de trabalhadores, são fazendas que numa vertigem de abnegação, se immolam e se tornam em tapéras desertas e livres, é o proprio trono imperial que, no esplendor da exaltação collectiva, se sacrifica... Onde, porém, a rebusca da perfeição neste idealismo redemptor? Na liberdade incondicional dos escravos, como respeito á humanidade. Foi o toque da elevação no sacrificio total da riqueza.

Com a abolição ainda mais se accentuou no Brasil o impulso da egualdade. A Republica resultou como consequencia do "absolutismo" democratico. O idealismo republicano teve a maravilhosa phantasia de esculpir os traços da sua affinação moral na liberdade religiosa sem restricções, na excessiva soberania federativa, na egualdade de brasi-

leiros e estrangeiros, no arbitramento internacional obrigatorio — signos caracteristicos desse espirito, destituído de compromissos que é o da raça na sua livre expansão. Enthusiasmo, imaginação, idealismo, ansia de perfeição sentimental são os motores secretos da alma brasileira.

O povo de tal inspiração, sempre prompto a exceder-se, está predestinado a viver no absoluto e a repellir toda a relatividade. Os seus difficeis “trabalhos” na ordem pratica o elevarão do intenso realismo ao excelso idealismo. Assim quando transforma as pertinazes mattas em terras de cultura attinge a uma conquista material formidavel, que, vel-a ou evocal-a, se nos exalta o espirito a louvar a energia primitiva de feros desbravadores das florestas, dos errantes caminheiros dos sertões, transmigrada nesta espiritualidade da conquista, que nasce do realismo. A terra, offendida para ser fecundada, permanece a eterna desejada do homem. Ha seguramente um amor physico entre brasileiro e a natureza da sua patria e que é a raiz inconsciente do seu patriotismo. A progressão não póde ser reprimida sob pena de uma crise mortal da nação. Para cumprir o fado imposto pela sua lei de constancia, o brasileiro vae para a frente, pelas tragicas mattas, pelos tristes desertos, pelos vagos sertões, pelos rios absurdos, a vivificar o sólo nacional. Um

dia elle augmentou o desmedido territorio, e a incorporação do Acre foi até hoje a maior realização brasileira na época republicana, porque foi a maior expressão da energia collectiva e obedeceu fatalmente ao idealismo, criador da nacionalidade.

Depois de taes frutos, o idealismo, fortificado em tenazes e seculares raizes, não será estirpado do espirito brasileiro. A fé no prodigioso destino da patria lhe perdurará sobranceira e fervente, a despeito da amargura que soffrer, do chãos em que se abysmar o paiz, das retrogradações da justiça e do progresso moral, do eclipse da liberdade e da honra. Crê eternamente na ascensão triumphante da patria, na sua limitada força criadora, na sua immortal projecção no futuro. Faminto, torturado, esmagado sob a tyrannia, lá vae o Brasileiro, caminhando extatico dentro da luz, escravo da miragem, mystico do idealismo...

O MYSTERIO DA UNIDADE BRASILEIRA

A affirmação de que foi a “Natureza luzente e formidavel a milagrosa criadora da Patria nova” é a deslocação no tempo, a antecipação do sentimento, que só posteriormente se produziu no inconsciente do homem já brasileiro. Antes dessa exaltação formadora da alma brasileira, estava determinada a unidade inicial na colonização portugueza no desmedido territorio, que se tornou Brasil. Não ha duvida que o colonizador agiu, consideravelmente inspirado pela miragem da Natureza. Seria este motivo de acção capaz por si só de criar, fundir a unidade colonial que se transformou em unidade brasileira? Até que ponto os factores geographicos e ethnicos, tiveram a força exclusiva, ou conjuncta, de determinar essa unidade permanente e tenaz?

Pela geographia do territorio, onde se desenvolveu a colonização, a conclusão seria a scissiparidade. Grandes systemas fluviaes fraccionam a terra em quatro mundos, a Amazonia, o S. Francisco, o Paraná e o Planalto Central. Que ha de commum,

geographicamente entre o Pará e o Rio Grande do Sul? Naturalmente a "physica" da terra brasileira deslumbrou, enfeitçou o conquistador portuguez, mas isto não bastaria par dar á sua conquista o maravilhoso espirito da unidade politica, que inspira conscientemente a colonização. Posteriormente se desperta e se fortalece o patriotismo brasileiro, que tem a sua magia na união capitosa do homem e da terra. Mas esse amoroso deixou de ser portuguez, já é brasileiro.

O factor ethnico poderia explicar muito, mas não basta por si só. A Hespanha, vigorosa e inconfundivel, teve as suas colonias na America transformadas em estados differentes e continuamente hostis. A fusão dos dous factores geographicos e ethnicos não explicaria a unidade brasileira, como não impediu o fraccionamento castelhano. Se o Perú e o Chile têm aspecto geographico differentes da Argentina e do Paraguay, como se explicaria a secessão do territorio, onde se constituíram a Venezuela, a Colombia e o Equador? Porque se organizaram em estados diversos as terras homogeneas da America Central, conquistadas e povoadas pelos hespanhóes? Geographically um só terreno, ethnically uma só raça, uma mesma lingua e uma mesma religião.

Acima desses elementos — a fascinação da Na-

tureza, o prestigio da terra immensa e poderosa, a raça povoadora — que prepararam a unidade brasileira, deve-se attender ao factor psychologico, ao espirito de progressão da nação portugueza, á consciencia que se transformou em inconsciencia.

A lei de constancia vital, que condensaria estes factores espirituaes, é a extensão de uma hypothese biologica á evolução politica dos povos. Os que meditam sobre os phenomenos sociaes deviam verificar até onde esta transposição, que aventuro, é justa. Na realidade cada Nação, na origem racial da sua formação, recebe esse impulso que a move e a inspira no correr dos tempos, e a que ella permanece fiel. Seria a lei da constancia vital. Todos os organismos, diz a formula biologica, tendem a manter as cellulas que os compõem, num meio chimicamente identico ao seu meio originario. No cosmos moral este meio chimico seria formado pela athmosphera espiritual, cuja essencia se mantém identica á do periodo da formação do estado. Cada nação tem a sua lei vital. A da França será a de encerrar-se nas suas fronteiras, manter a sua unidade deante da perpetua aggressão da Allemanha. Porque a França se formou da mistura do espirito latino com o espirito celta em opposição ao espirito germanico. Se a França fôr infiel a este principio originario e descuidar da sua defesa permanente deante da in-

vasão allemã, faltará á sua lei de constancia e morrerá. Na sua postura armada obedece á fatalidade da sua situação geographica e ao inconsciente nacional, que não quer desaparecer submerso na onda germanica.

A lei de constancia de Portugal define-se no espirito de progressão da raça, já ousei affirmar. O destino lhe foi traçado, logo que a nação se constituiu. A alliança entre Portugal e o mar determinou o espirito de conquista da raça portugueza e o da sua expansão pelo mundo. Na fidelidade a esse meio cellular originario está o sègre do da vida do organismo portuguez. A colonização do Brasil obedeceu áquella vontade de criar, áquelle instincto de conquistar, de alastrar-se, de organizar, que é toda a lei de constancia da raça portugueza. Repita-se o que foi escripto na “Esthetica da Vida”: “Os territorios da America foram a perpetua miragem européa; mas, emquanto Inglezes, Hespanhóes e Hollandezes ahi fizeram incursões de traficantes, Portugal, vencendo a resistencia de uma terra que não se entregava facilmente, e num momento de industria ainda mal aparelhada, realizou uma consciente obra de estado. O paiz foi descoberto, varado, estudado, conquistado por militares e funcionarios, uma nação politica foi fundada. Os vestigios dessa organização são os alicerces do estado brasileiro.

Ainda hoje, quando se debatem os direitos dos povos, que succederam nos territorios americanos ás nações européas, os titulos do dominio portuguez são titulos de ordem publica, actos juridicos que testemunham o funcionamento de uma organização politica. A esses titulos da conquista e do dominio dos capitães-móres, donatarios e vice-reis, os outros paizes oppõem incertos roteiros de negociantes, vagos traços da passagem de forasteiros nomadas, vestígios de precarios estabelecimentos commerciaes independentes entre si e sem ligações com o governo das metropoles.”

Esta obra de consciencia, Portugal realizou e manteve na acurada energia, que, na repulsa á invasão de outros conquistadores, cresceu de tenacidade e de animo de dominar e possuir. A colonização do vasto territorio obedeceu a um plano systematico do Amazonas ao Prata, delimitadas as fronteiras pelas margens dos rios, onde intencionalmente se deteve a conquista portugueza. A propria Hespanha respeitou a vontade portugueza, pois quando Portugal foi annexado a Castella, a administração do Brasil continuou entregue ao Conselho Ultramarino de Lisboa. Neste periodo de soberania hespanhola raros são os actos da metropole, que não dimanam directamente de Portugal e em lingua

G r a ç a A r a n h a

portuguesa. Não é também singular que a unidade do Brasil reflecta a unidade de Portugal, já definitiva no periodo do descobrimento, enquanto a diversidade do mundo hispano-americano, é o espelho, em que se reproduz a imagem da Hespanha fraccionada em varios reinos, ao tempo da colonização hespanhola na America do Sul?

ALMA BRASILEIRA

A nossa alma é multipla, mysteriosa e estranha. Ella tem no seu firmamento uma infinidade de deuses. Quando eu quero buscar as divindades que me agitam as cellulas inconscientes, e me exaltam e me governam, não ergo os olhos para o céu, volto-me para o abysmo insondavel do meu espirito. Curvado sobre este mundo longinquo, ora sou deslumbrado vendo desfilar fórmias luminosas e docemente plasticas, ora espio, curioso, sombras satanicas, que se embuçam nas trevas, me atormentam com os seus esgares infernaes, ora de horror se me fecham vertiginosas, devorantes, as palpebras dos meus olhos avidos ante as visagens tremendas e escancaradas de monstros de fórmias nunca imaginadas. Tudo é a minha alma, tudo é a alma tenebrosa da minha raça. . . E neste cháos as divindades se confundem, se emmaranham, se combatem ferozmente. Os meus olhos se habituavam á treva, ao espanto, á agonia. Quando as sombras passam, ellas me fitam amorosamente numa ansia de posse exclu-

siva e dominadora. O meu corpo é o desejo de cada uma. Todas procuram seduzir-me, vencer-me e eu sou o pasto das suas ambições e perfidias. Quero arrebatá-las-me de mim mesmo e fico delirante chamando-as. Ao meu appello ellas correm supplices. Lá no fundo do circulo umas são embaciadas, quasi indistinctas, como se fossem as almas das nebulosas geradoras, outras fluidas mandam-me o seu halito sem fórma, como a alma dos ventos, outras deslizam como aguas, aquellas surgindo do limo da terra, tão verdes como as arvores... E aspectos horriveis, animaes, se atropellam na vastidão de seculos, entorpecem na nevoa sem fim. Mais perto surgem outras. Aquella é negra e tingida de sangue, primitiva e ardente, tem na retina aguda a visão do deserto devorador, que a persegue implacavel. Aquella é negra tambem e é branda, é um feitiço, e se despedaça eternamente para dar a vida, que outras lhe bebem no sangue generoso... Essa é a alma rubra, que se encheu da voz do trovão, que se amedronta ao rumor da floresta, que é encarniçada em sua força e que se destruiu sem nunca ter cedido ao affago de almas estranhas.. E os meus olhos chamam sempre, e todo o mundo interior se esclarece fantasticamente; tudo é luz, tudo é gloria, tudo é criação. Vêm vindo almas nobres, altivas que me avassalam e me inspiram. Uma confabulou com a divindade no de-

Espírito Moderno

serto. Solenne, severa, mostra-me a immensidade cheia do Espírito. E os meus olhos inquietos desviavam-se do seu olhar duro e matador e sorriem volvidos para a alma branca, que infiltrou de sonho o mundo das aguas e o mundo das terras, que se cobriu de neve para ser mais pura e mais alma. Esta outra cresceu na solidão, de onde tudo surge agudo e intenso, entendeu os astros na noite maravilhosa, e, docil, balbuciou orações submissas á fatalidade, e, meiga, na lubricidade do sol, impregnou de volupia o mundo todo e o proprio céu. E a alma grega, a alma latina, majestatica e senhoril que venceu, dominou e agasalhou o Universo...

Tal é o ser estranho e numeroso da minha raça. Assim não será mais o espirito da sua infinita posteridade.

TERRA

Desejo da Terra: arvore!

Espiritualidade da Terra: arvore!

Elegancia, força, doçura, fragilidade, eternidade.

Folhas: adorno e sentimento. Galhos: defesa, amparo, agasalho, aspiração, elevação para o Infinito.

Postura da arvore: adoração perpetua, tragica immobilidade. Silencio. Campo deserto, arvore solitaria. Montanha espectral, arvore, phantasma alucinado.

Arvore e vento. Inutil gemido. Infatigavel açoute.

Arvore e sol. Febril exaltação de aromas. Resinas. Quietação. Adormecimento da natureza na volupia do perfume.

Graça Aranha

Madrugada da arvore. Cantos de alvorada. Clarins, flautas, zumbidos. Alegria, alegria. Fim de sombra.

Nocturno. Gargalhadas. Aves zombeteiras. Rhetorica do pavor. O que a arvore vê á noute...

Suave humidade. Perfida humidade. Vida secreta. Pedras humidas. Limos, artistas subtis. Roseos troncos verdes. Céu humido.

A arvore e a agua. Perenne seiva. A Agua mysteriosa que mora no intimo da arvore e mora nas cellulas humanas. Integração.

Vida profunda. Intelligencia buscando na Terra a vida.

Humanização. Arvores disciplinadas, dominadas. Revoltas, violencia. Vingança. Venenos. Segredos dos vegetaes. Solidariedade. Unidade verde.

Desterro da arvore. Saudade. Nostalgia.

Culto. Religião. Melancolia. Amizade. Confidencia e Consolo. Romantismo.

Velha arvore. Parasitas, cipós. Enfeite, protecção. Velha arvore se desfaz em pó. Transfiguração universal. Alegria de renascer.

E o Homem, processo da loucura do movimento, mata na arvore o repouso e a eternidade.

E MAR

Sob a frigida pelle azul do mar, o corpo fremente. Mar de amor. Ardentes vagas, ondas do desejo.

Esquife negro correndo sobre a fonte profunda e mysteriosa da vida. Funeral. Cadaveres de nymphas, neptunos, amphitrites, adamastores, tritões boiam rhetoricamente ao extincto canto das sereias. Musica alegre dos ventos zombeteiros.

A vida vem do mar. A vida faz-se Amor, fusão no Todo infinito. Sonoridade universal. Zumbidos, murmúrios, luz esmagadora, pedras, aves, montanhas concentradas, palmeiras espirituaes, aguas travessas, ilhas de ouro, velas pensativas, fumos insolentes. Exaltação.

Movimento perenne. Transfiguração. Vento que é desejo; agua, infinito; nuvens, imaginação; sol, estupor; amor, extase. Illusão infatigavel. O pensamento abysma-se na inconsciencia do Universo. Eternidade.

MARCEL PROUST

Proust não nos rejuvenece. As raízes da sua arte são longínquas. Nella o velho espirito francez compraz-se na analyse das cousas, na narração dos acontecimentos, na associação das idéas e das sensações. Uma infiltração da seiva humoristica e deformadora dos inglezes dá a mystificação da novidade. Aquella analyse vae até o paroxismo e por tal exasperação a sensibilidade de Proust é do nosso tempo, embora a arte lhe seja antiga. Arte de intelligencia, em que o pensamento se faz instincto e parece tecer inconscientemente. Arte processual, em que se reflecte a cultura voluntaria. Arte de tradição, que termina em decadencia. O poderoso dom de representação limita-se a fragmentar a vida. Proust nos transmite a sensação dos objectos, como elle os percebe. Os seres não se exprimem por si mesmos Tudo emana da consciencia do artistta, que não possui o senso philosophico para ligar os fra-

Graça Aranha

gmentos e compor com elles a illusão da unidade. E' uma decomposição do Universo a qual falta a recomposição esthetica. Não ha pensamento universal que dirija a criação e faça della um todo. Ora a Arte é transcendente, quando da multipla imagem dos seres tudo arrebatava para tudo fundir no Todo infinito.

TRANSFIGURAÇÃO

E' preciso vencer o terror e a sua metaphysica, ser um com o Todo infinito e no prisma da poesia realizar o grande segredo da arte, que é o da victoria sobre a natureza.

A libertação não está simplesmente na quebra dos moldes, nas mutações da forma. Está na substancia da intelligencia e do sentimento. E' a libertação do espirito e attinge ao transcendentalismo, em que a unidade do Universo se revela e é a razão do pensamento e da arte. A libertação não está naquelle velho pantheismo relativo, em que a Natureza é uma personagem onnipotente perturbadora da unidade infinita. Seria antes o pantheismo emanente, o pantheismo independente da Natureza, livre desta, o pantheismo sem a natureza.

O libertador sente o Universo em si. Para elle tudo é imagem e a funcção essencial do espirito humano é a funcção esthetica. Este poder de transfiguração é a essencia da Arte. Tudo transfigura-se e em cada transfiguração ha uma imagem que muda. A imagem que passa chama a que ha de vir. Este

perpetuo “fieri” de imagens é a suprema esthetica. O movimento é incessante. Nada é extatico, tudo é extase. O pantheismo é emanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universal inattingivel. Explica-se a nós mesmos e mantem o nosso perpetuo mysterio. E’ uma divina allucinação. O abysmo está em cima, no alto, o Ser sobe, perde-se, transfigura-se. Sente-se a Unidade absoluta; é a imagem. E’ o maximo da ascensão. E’ a beatitude além da alegria. E’ o extase além da imagem. E’ a transfiguração que se detém. Eternidade. Recomeça a descensão e a imagem renasce. Multiplica-se a transfiguração, prodigam-se os extases, a vida define-se, o absoluto explica-se, a Unidade desune-se. E’ a volta á ansia da fusão do ser no Todo infinito. A ascensão recomeça. Tudo transfigura-se. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo esthetico do Universo, que nos arrebatá ao infinito espiritual. A Alma transporta-se, é o Extase. O Homem imagina-se, é o Ideal. A Dor transforma-se, é a Illusão. O Amor realiza-se, é a Magia. A Vida exalta-se, é a Alegria.

DOSTOIEVSKY

O dualismo de Dostoievsky vae ao extremismo manicheu. Os dous eternos principios do Bem e do Mal perpetuamente distinctos, independentes um do outro, igualmente absolutos. Para esse dualismo a omnipotencia do Diabo é ao mesmo tempo benéfica e funesta. Se ella é a origem do mal, do peccado, o peccado é necessario á redempção, porque faz a alma passar pelo soffrimento, indispensavel á salvação. Para Dostoievsky e seus epigonos christãos evangelistas a esthetica é uma funcção diabolica. “Não ha arte sem collaboração do demonio” exclama André Gide. William Blacke havia dito que Milton quando “pintara” Deus e os Anjos era constrangido, ao passo que “pintara” o Diabo e o inferno na liberdade “porque elle era um verdadeiro poeta, e do partido do Diabo sem o saber”

Atormentado pela idéa do mal, pela necessidade do soffrimento, Dostoievsky viveu preocupado pelo sentimento da justiça. O dualismo leva a Arte ao moralismo, ao julgamento dos actos, a pe-

sar a vida segundo o criterio do Bem e do Mal. A philosophia da Unidade leva o artista ao esthetismo, a considerar a vida indifferente ao bem ou ao mal.

Suppor a Arte uma expressão da concupiscencia, uma volupia, um fruto prohibido, é introduzir o elemento moral na função por excellencia do espirito humano, na esthetica, inteiramente alheia ao senso ethico. A investidura do Diabo em creador da Arte é uma puerilidade medieval indigna de attenção em nossa época. Os Canticos de S. Francisco de Assis são pura obra de arte, cuja poesia pantheista annuncia o Renascimento. Que se entende por “santo”? E’ sempre o conceito restricto, a porta estreita. Mas a arte é soberana, inseparavel do homem que ella liberta e torna um deus creador.

O dualismo determinou em Dostoievsky o interesse profundo e exaltado pela natureza humana. Se o mundo é campo da lucta dos dous principios do Bem e do Mal, se todo o esforço do homem é livrar-se do mal pela redempção da alma, nada mais primordial do que estudar o homem e a sua capacidade de vencer o mal. Dostoievsky engrandeceu-se nesta analyse. Sondou os abysmos da alma humana e os revela e os expõe com uma audacia cruel e tragica. Pelo genio da observação e da expressão do insondavel e do inexplicavel tornou-se um prodi-

gioso e pathetico artista. No seu processo de claro escuro ha mais escuridão do que claridade e nisto está o mysterio da sua arte. Seria o processo de Rembrandt, em que as figuras impressionam mais pelo que escondem nas sombras do que pelo que ostentam em plena luz. Dostoievsky não descobre os seus personagens. Deixa que lhes adivinhemos as monstruosidades e neste aspecto enigmatico está o segredo indefinivel do criador. Por nossa vez tambem compomos esses personagens; alguma cousa de nós mesmos os anima, dá-lhes um pouco da nossa essencia e por isso vivem em nós. Realiza-se a communhão esthetica entre o observador e a figura criada pelo artista, e esse goso ineffavel é a realidade transcendente da obra de arte.

Não ha duvida que a analyse e a revelação dos abysmos da alma humana dão á arte de Dostoievsky a eternidade. Mas não é toda a Arte. Para Dostoievsky os homens estão isolados no Universo, vivendo entre si e apenas em espiritual correspondencia com Deus ou com o Diabo. Não realizam a unidade cosmica. Vivem na perpetua dor.

PANTHEISMO SEM A NATUREZA

A opposição entre o nosso *eu* e a natureza subsiste como insubstituível dualismo. Mesmo no conceito panthesita imaginar-se que existe a Natureza equivale a idéa de um Todo, que não somos nós ou a que somos estranhos. Imaginar-se a unidade desse todo universal a que somos incorporados, é ter-se uma idéa que se oppõe ao nosso eu irreductivel, que só pelo pensamento é absorvido na idéa do Todo. Ainda mais, a formula corrente de que o espirito deve vencer a materia, ou que a arte e a philosophia subjugam a materia universal e fundem o nosso *eu* no Todo infinito, tudo implica no conceito do dualismo enraizado no espirito humano e que inspira esse falso pantheismo philosophico, que no sentido classico quer dizer a substancia universal e os seus modos. A noção da natureza é opposta á idéa do todo, a idéa unitaria, e por isso o pantheismo transcendente é o “pantheismo sem a natureza” Combater a natureza, contrariar-a, é reconhecer-a não sómente como realidade mas como entidade. O pantheismo sem a natureza elimina esta,

absorve-a no proprio eu pensante e não a imagina, não a suppõe, o que lhe seria dar existencia e criar subtilmente o dualismo. O ser é um todo absoluto sem materia e sem espirito. A idéa transcendente da existencia extingue as apparencias, em que se fracciona o Todo. Idealmente não podemos pensar a natureza sem nos pensarmos nós mesmos. Somos a natureza, como ella é o nosso ser. O pantheismo sem a natureza realiza a unidade, que não é uma continuidade, não é um principio nem um fim. E' o ser unico, indivisivel, eterno.

Pensar não é separar?

A HARMONIA DE UM LOUCO

O que surprehende nesse bardo louco é a secreta psychologica, que se adivinha na harmonia da sua expressão intellectual.

O seu typo israelita, a barba crespa, a pelle pallida, os negros olhos faiscantes, suggeriram-lhe a miragem de tambem ser rei dos judeus. Era o ponto central da sua allucinação. Partindo dahi tudo o mais se equilibrava. Era um antigo e despresava a vida moderna. O classicismo da sua arte inspirava-se nas raizes do espirito oriental mediterraneo. Acabou esquecendo-se de que era brasileiro, cearense, vindo do ardente cháos tropical, para ser um sereno ante-passado de si-mesmo e remontar ao mais perfeito equilibrio do pensamento classico, que em seu tempo disciplinou o Universo.

Que mysterio mais pungente e mais profundo do que o da loucura, que obedece a uma harmonia interior, que não vacilla no julgamento esthetico, que é certa no verso, agil na cultura e fabrica placidamente a belleza? Foi o mysterio do bardo louco. Foi tambem o mysterio de Torquato Tasso.

OS ENYGMAS DO GENIO

O signo do genio conserva-se na raiz da propria palayra, que a philologia revela do segredo das raças antigas. A raiz sanscrita *gaen* ou *gan* não deformada na migração secular marca o signal da criação. O genio é a intelligencia criadora, que inventa, inicia uma nova ordem de cousas, é o principio gerador.

A intelligencia é uma funcção do cerebro, determinada pela evolução das cellulas cerebraes. Ha uma relação entre o desenvolvimento craneano e a intelligencia. A evolução anatomica prepara a evolução physiologica. Pela hereditariedade a intelligencia transmite-se perpetua-se, adapta-se ás condições do meio. O genio, como a intelligencia, não é privilegio do homem. Por maiores que sejam o mecanismo e a rotina dos actos animaes, ha entre estes positivamente genios inventores de novos habitos ou modificadores dos instinctos. A hereditariedade da intelligencia é inherente á vida animal. Não ha hereditariedade do genio. Este é um caso pheno-

menal de mutação physiologica. A intelligencia continua na especie, constante e regular. O genio apparece subitamente como um sortilegio da intelligencia. A causa que determina essa mutação da intelligencia em genio, isto é a transformação da faculdade de comprehender, applicar, desenvolver o que foi adquirido pela especie em poder de criar e inventar, que é a caracteristica do genio, como explicar? Só uma hypothese parece admissivel, a da acção catalyca nas cellulas cerebraes, agentes catalysadores causam a mutação. A theoria chimica da catalyse repousa sobre o principio de que o catalysador é um corpo, que modifica a velocidade de uma reacção chimica sem apparecer elle mesmo nos productos resultantes dessa reacção (Berselius, W. Ostwald). E' um problema de cinetica chimica. Por extensão applicamos o mesmo principio para explicar a reacção, que nas cellulas cerebraes transforma a intelligencia em genio. Quaes são, porem, os agentes catalysadores, que pela acção de presença no cerebro operam nestes a faculdade de criar e inventar, é ainda o enygma da sciencia. A hypothese é proposta para a orientação da physiologia, que aprofundará os problemas levando a analyse ao conhecimento exacto da catalyse, que dentro das forças naturaes produz os milagres do genio.

A acção catalyca poderá ser mais ou menos len-

ta e assim o genio mais ou menos precoce. A precocidade do genio manifesta-se geralmente em ordens de culturas, pelas quaes passou a humanidade nas primeiras phases da sua evolução. Desse facto se poderia concluir pela possível applicação á evolução mental do homem da lei fundamental da biogenia. A evolução do individuo é uma recapitulação abreviada da evolução da especie. A evolução intellectual do homem reproduziria as phases successivas da evolução mental da especie humana. A mais antiga expressão da cultura é a cultura artistica. O homem, animal essencialmente artista, exprimiu a sua mais remota emoção intellectual pintando, esculpindo, dansando, cantando, construindo. A esta phase da cultura artistica succedeu a da cultura mathematica. O homem disciplinou o Universo na geometria e no numero. Quando pela mutação intellectual apparece um genio, na infancia ou na juventude do homem, elle é artista ou mathematico. Não se vê jamais um genio biologo ou sociologo infante ou adolescente, porque a biologia ou a sociologia como culturas se tornaram familiares ao espirito humano em épocas recentes. Ainda não passaram do consciente ao inconsciente colectivo para serem recapituladas em maravilhosas manifestações infantis. Certamente em periodo longinquo da evolução intellectual surgirão genios juvenis, bio-

logos ou sociólogos, quando a biologia e a sociologia pela longa paciência passarem ao inconsciente da especie. A grande maioria dos genios, que se manifestam precocemente não se limitam a recapitular ou reproduzir as aquisições da cultura. Por serem genios são progressivos criadores de uma nova ordem, mesmo naquillo que pareça ter a humanidade attingido o maximo da expressão.

Se ha uma constancia intellectual, se a evolução physiologica é completa e fixa desde que o homem na evolução da especie ficou anatomicamente formado, se a energia intellectual correspondente á massa cerebral é sempre a mesma, seja qual fôr o gráo de cultura da humanidade, esta hypothese não exclue a hypothese da mutação pela catalyse para explicar o apparecimento do genio. A mutação combina-se perfeitamente com a constancia intellectual. Dentro desta verifica-se a transformação da intelligencia constante em genio phenomeno.

Os enygmas do genio serão resolvidos pela sciencia que para explical-os não recorre ao mysticismo da nevrose e ao da inspiração divina ou diabolica. O genio é um facto natural e sadio de mutação da intelligencia por uma acção catalyca ainda incognita.

A FORMAÇÃO DO PANGERMANISMO

Nas suas origens e durante longos seculos o espirito germanico foi sempre individualista, em opposição ao espirito romano, que era social e estatista. Desse individualismo racial a Germania deu algumas manifestações, que tiveram a força de mover as correntes da evolução dos povos. A principio revelou-se no "jus germanicum" que foi o canon do direito individual. No direito romano a base do direito era a familia, cellula da organização social. O homem só era juridicamente considerado como pertencente a uma familia, a uma tribu, a uma "genus" ao Estado, ao passo que no direito germanico o individuo era, por si mesmo, o sujeito do direito. A vontade individual era a fonte d'onde derivavam os direitos e as obrigações, força irreductivel que impedia a formação politica do Estado, tornando-o sempre fluctuante e ephemero nos paizes germanicos. A essa raiz do espirito individualista se deve remontar a explicação da Reforma, e mais tarde a do Romantismo allemão.

Como, pois, a Allemanha renegou esse individualismo fundamental e veio a ser dominada pela “vontade” do imperio universal, pelo principio da subordinação do individuo ao Estado? Como foi possuida do proposito consciente de organizar a humanidade pela forma de um Estado universal, adoptando o mesmo ideal e procurando seguir as mesmas realizações de Roma no plano que ella combateu, sempre, de dominar o mundo?

Evidentemente, ha nas raças um elemento indefinivel, um temperamento moral que lhes constitue o character e se mantem immutavel. O allemão é por natureza essencialmente idealista e pratico. Da alliança dessas duas essencias oppostas nasceu o conceito do Estado, entidade suprema e divina, e ao mesmo tempo reguladora da vida e da sociedade. O sentimento da liberdade dos germanos teve sempre uma expressão exagerada, que o levava ao mysticismo do individuo, imaginado como a molecula, a vontade immortal da vida collectiva. O direito germanico foi o reducto desse individualismo primitivo. A Reforma representou no seu inicio uma reacção idealista, uma desforra do espiritualismo contra o sensualismo do Renascimento. N’um como n’outro phenomeno ha um sentimento de liberdade individual tão profundo e tão vasto que se póde ahi encontrar o conceito do “eu” como uma ex-

pressão do individuo. A esse idealismo juridico e religioso devia corresponder uma philosophia idealista que, nascida embora da iniciação de Descartes, adoptasse principalmente as tendencias espiritualistas do cartesianismo, deixando aos inglezes a parte sensualista e materialista. Leibnitz foi o magnifico interprete desse espiritualismo, e a sua theoria da mónada preparou a politica da unidade abstracta do organismo social. Assim a philosophia abriu o caminho que levou á concepção do Estado, como o grande-Individuo, o supremo espirito da sociedade humana, em que todos os outros individuos se explicam e são absorvidos, como ao seio mystico de Deus tornam os seres da criação. Para attingir esse conceito, o pensamento allemão fez uma longa viagem. Mas, ao chegar a Fichte, já o subjectivismo extrahia o mundo real da idéa pura. O “eu” universal de Fichte annunciava o Estado universal de Hegel, Estado que é egualmente uma abstracção, um conceito. Como o “eu” pensante considera o mundo sua criação, sua cousa, o Estado, que é a realização da idéa do direito, considera os povos e as sociedades, como seu proprio reflexo.

Para a doutrina hegeleana “o Estado é a realidade da idéa moral, é o espirito moral como vontade visivel, consciente de si mesma, que conhece o seu pensamento, realiza o que conhece e na medida

do seu conhecimento” Tal é a metaphysica do conceito do Estado, de onde provem a idéa pangermanista. A concretização da idéa abstracta do Estado, desse puro conceito da supremacia moral do Estado allemão era uma operação necessariamente logica para o espirito absoluto do povo, que, pela força do principio do individualismo, havia sido o principal demolidor do imperio romano e tirára á Igreja universal romana uma grande parte do seu dominio, e cuja philosophia, cuja poesia não deviam conhecer limitações ao seu idealismo. O Estado de uma tal nação só podia ser a criação absoluta e sem contraste da idéa pura. Assim, a Allemanha que, por força do seu primitivo espirito independente, pretendêra dominar o mundo, dominando o direito e a religião, veio finalmente encontrar no conceito do Estado a força suprema, o instrumento formidavel para lutar pela supremacia do espirito allemão e da nação allemã no mundo ideal e no mundo real.

O conceito do Estado allemão, como todas as criações do espirito germanico, foi sempre incerto, vago, repetindo confusamente, nas noções politicas, as idéas claras e positivas dos povos greco-latinos. Porque a idéa do Estado universal e do imperio universal não foi original á Allemanha, como tambem não foi a synthese do direito e da religião. Como conclusão da idéa primordial do Estado absoluto, a

doutrina allemã proclamou que a humanidade não teve ainda uma existencia organica, e que a politica, á semelhança da Egreja, não póde renunciar ao pensamento de organizar a humanidade. Onde falharam Alexandre, os Romanos e Napoleão, a Allemanha, Estado eleito, devia vencer. Essa vontade, vinda da força do instincto, animava a aspiração ao imperio universal. Para chegar á realização dessa idéa abstracta, que systema adoptou a Allemanha?

Alexandre quiz effectuar a união do occidente e do oriente e o mallogro do seu plano veio da propria confusão da idéa inspiradora. O occidente humanista não se podia fundir com a theocracia religiosa do oriente. O processo romano foi outro. Não era o da fusão dos povos e dos principios: Roma quiz dominar pela sua supremacia e impôr aos outros povos o seu character nacional, romanizando-os. Foi o systema seguido em nossa época pela Allemanha. A reacção germanica derrubou o imperio universal romano, como hoje a reacção dos povos vindos de Roma repelliu a tentativa da Allemanha na sua mystica aspiração ao imperio universal. Oh! santa desforra da historia!

A esplendida actividade de Napoleão não foi bastante para a realização do imperio universal sob a hegemonia da França. O velho sentimento da liberdade, inherente ao espirito anglo-saxonio, de

struiu o resurgimento da idéa romana. A Allemanha copiou o plano de Roma e de Napoleão, procurando germanizar o mundo, submettendo-o á sua direcção. Sómente, antes de empregar a força para a execução do plano pangermanista, a Allemanha foi preparando a sua dominação do mundo pela invasão pacifica, pela expansão economica. Nessa politica economica e financeira, precursora da guerra, é que está a novidade da applicação do plano pangermanista. O pensamento do imperio universal allemão, apesar de retrogrado, reflecte a época industrial, em que elle chegou á maturidade. Não se inspirou apenas no principio da força e serviu-se do espirito commercial para a sua execução. Ainda assim, nessa combinação dos processos da força e da industria, a Allemanha obedeceu ás duas grandes organizações politicas em que repousava a base do seu Estado, a Prussia e a Hansa. O pangermanismo integral é a fusão da dominação do Estado militar e da dominação economica.

A monarchia prussiana realizava desde o seculo dezoito o conceito do Estado divino, segundo a ideologia dos politicos e dos philosophos. Por seu lado a Hansa encarnava o espirito de associação, essencia da alma collectiva dos povos saxonios, tradicional na vida civil e religiosa da Allemanha.

Póde-se dizer que só depois da fundação do im-

perio allemão em 1870 se tornou possível a execução do plano pangermanista pela alliança do Estado prussiano e da Confederação hanseatica, já preparada na União aduaneira, no "Zollverein" de 1869. O novo Imperio, apesar do espirito commercial ahi intensamente infiltrado, se caracterizou como uma reminiscencia do Santo Imperio romano de Othon I com os seus elementos mysticos e theocraticos. Esses fermentos de idealogia persistirão na mentalidade allemã, e embora a theocracia militar prussiana desapareça no cataclysmo da guerra, o allemão sonhará dominar o mundo pela supremacia pacifica, se possível, da sua raça. E por esse mysticismo da conquista e da rapididade, elevado ao prestigio de uma formula politica, o povo allemão estará em permanente antagonismo com os outros povos, porque só na Allemanha hoje a ancia da dominação do mundo é um sentimento nacional colectivo.

A idéa do Estado universal não acudiria jamais ao pensamento inglez. O inglez é pratico. O pragmatismo é a formula do seu espirito. O imperialismo inglez é um pragmatismo politico, como convem aos continuadores de Locke, tão diferentes dos discipulos de Leibnitz. Não tentaria absorver as outras nacionalidades fundindo o seu espirito nos dos outros povos. Contenta-se com uma grande

dominação economica, exercicio de um poder tutelar, que se applica ás nações desorganizadas e extinctas, como a India e o Egypto, ou a terras novas onde desponta a civilização, como o Canadá e as ilhas oceanicas. Póde-se dizer que o imperio inglez é mais a valorização de territorios abandonados ou incultos, um imperio territorial, do que a hegemonia espiritual, economica e militar idealizada pela Allemanha, a pezar sobre Estados vigorosos.

Para executar o plano pangermanista de um Estado universal allemão, a Allemanha teria de realizar a associação intima de uma unidade politica a uma unidade economica. A unidade religiosa, que foi a base do santo Imperio romano da idade media, não sendo mais dos nossos tempos, o novo imperio germanico teve de abandonal-a e de substituil-a pela architectura de uma unidade politica e economica do mundo, em que a Allemanha tivesse a hegemonia.

A essencia do pensamento do Estado universal está no principio da unidade em opposição ao principio de diversidade nas sociedades humanas.

A Allemanha, lutando por estabelecer a unidade pangermanista, teve o seu plano politico destruido, virtualmente, por antecipação. O imperio universal inverte o plano intuitivo da civilização. Se houvesse uma lei de sociologia que explicasse o

traçado de evolução politica dos povos, essa lei seria a da passagem do estado de unidade para o de diversidade. A lucta entre esses dois principios antagonicos encheu a historia. Mas cada vez que apparece uma tentativa de monarchia ou de Estado universal, uma formidavel reacção agita o mundo. A reacção da Europa contra a tentativa de Napoleão se devia repetir, em nome do principio geral da diversidade, na repulsa do pangermanismo pela civilização de hoje. E' a lei da evolução, segundo a idéa spenceriana, que se realiza na passagem do homogeneo para o heterogeneo.

MAURICE BARRÉS

A França, quando lhe foi raptada a Alsacia-Lorena, já era uma nação de vencidos. O cataclysmo inicial produziu-se nos fins do seculo dezoito, mas a sensação do vácuo, a impressão do desalento, veio á plenitude depois do novo abalo de 48. Os grandes espiritos francezes tornaram-se desde esse tragico momento artistas da destruição. Renan esforçou-se por desenraizar o catholicismo, Taine por matar a metaphysica, aniquilar a lenda napoleonica e entorpecer o genio militar da raça, Flaubert revelou o bovarysimo, que é a caricatura do idealismo criador e escarneo do romantismo, de que Napoleão III fôra uma fugaz apparição politica, Zola excedeu-se em patentear num paroxysmo realista a decomposição das cellulas sociaes. Quando os prussianos, barbaros e depredadores, invadiram a França, onde a força para resistir-lhes? Não havia mais nada, exclamou-se cobardemente na hora da capitulação. O sentimento patriotico indomavel e perenne, refugiára-se nos abysmos da nacionalidade. Desse

amago obscuro surgiu Maurice Barrès, inspirado pelo espirito da desforra. Para reconstruir moralmente a França affirma, no pensamento e na litteratura, alma de vencedor. Escriptor estranho á decrepita urdidura tradicionalista, não se reproduz nelle a figura classica de um joven deus mythologico, de um Dyonisio infante, bello, surprehendente, desdenhoso a sorrir na perpetua alegria. Maurice Barrès representava a imagem de um passaro esquivo, intratavel e bravio, sempre aggressivo, uma aguia infantil, um falcão adolescente. Permaneceu até o fim, raro e singular. A sua voz guardou o som agudo, guttural e estridente, que dilacerava a trama subtil da velha linguagem franceza. Todo elle era ansiedade e vigilancia. A ave selvagem debatia-se em gritos violentos, como se a estivessem afogando num pantano de cobardia e imbecilidade. Os olhos agudos fixaram-se perpetuamente no inimigo. Maurice Barrès deu o alarme para o permanente combate e postou o seu *eu* irreductivel deante dos Barbaros, em desafio a todas as barbarias. Cumpria-se uma longinqua predestinação. O neto de um soldado de Napoleão, o descendente de enraizados antepassados auvernezes, o loreno, filho de lorenos, encarnava assim o espirito das raças, que formavam a nação e aticavam nesta o victorioso sentimento da perpetuidade.

A unidade da França se fez por agregação. As regiões as mais diversas, trabalhadas pela historia, foram pouco a pouco se desfazendo da primitiva rudeza e annullando as separações até se amoldarem nessa homogeneidade politica, que se imagina hoje inteiramente ininterrupta e inquebrantavel. O Auvergne, sendo geographicamente o centro do paiz, é tambem o centro da resistencia, onde pulsa o coração. A terra foi vulcanica; é activa e solitaria. Maurice Barrès reflectia essa sobranceira; era arredio, apesar de politico e patriota, e trazia na alma esse fogo secreto do solo, que lhe aquecia a tempera e explodia em erupções intellectuaes. A Lorena é a terra indecisa entre a Gallia e a Germania. E' varia e incerta, lutando pela sua personalidade ameaçada de successivas invasões e absorpções. Dessa formação lorena provém, por singular infiltração allemã, o individualismo de Barrès. Percebe-se á primeira vista, na doutrina nacionalista do reconstructor do pensamento francez, a iniciação germanica. Maurice Barrès confessou a procedencia de Fichte. Podia remontar a Leibnitz, á theoria da mónada, de onde dimana o conceito do Estado, como o grande Indivíduo, o grande Eu. Desse conceito individualista deduziu Barrès a concepção da patria como a categoria do *eu*. Quando o subjectivismo allemão avassalou o espirito de Fichte, já havia

extrahido o mundo real da idéa pura. O *eu* de Fichte tornou-se universal e preparou o Estado universal de Hegel. Em Barrès o *eu* colectivo, a Nação, contrahiu-se, tornou-se restricto. A Patria é uma limitação e para Barrès, que era loreno, oriundo de uma incerta e pequena patria, situada na fronteira dos Barbaros, e cujo espirito se formou sob o terror da invasão do inimigo e sob a esperança da desforra, a Patria devia ser uma cidadella defendida pela energia do *eu*, dentro da tradição, cuja argamassa é feita pela lingua, pela historia, pela religião que se nacionaliza até os limites do schisma. Para esse sentimento patriotico o estrangeiro é o inimigo. Dentro dos muros não ha culto mais fervente do que o dos mortos, tutelares da continuidade. Volta-se ao conceito primitivo da patria, que se inicia em torno dos tumulos e cuja formula exclusiva tem a estrutura de uma religião.

Antes de systematizar a sua doutrina do patriotismo, Maurice Barrès, instinctivamente levado pelo espirito da desforra e pelo pensamento da victoria, fixou o seu *eu* deante dos Barbaros. No fundo do seu nacionalismo descobre-se o conceito dualista gerado na consciencia humana pelo terror metaphysico, “eu e o universo” “eu e os outros” E’ a formula de Fichte. O culto do *eu* concretiza-se na reacção systematica do ser individual contra tu-

do o que procura dominal-o e esmagal-o. A força physica ou moral, hostil ao eu, é o que Barrès chama “o barbaro” O dever primordial é defender o *eu*, eleva-lo, engrandecel-o. Ao egoismo dos outros oppor o nosso proprio egoismo, e mesmo no Amor não se deixar absorver. E por isso o Amor no sentido barresiano não attinge jamais a altura, em que a fusão íntegral dos Amantes realiza a unidade com o Universo.

Se para o escriptor metaphysico o barbaro é tudo o que resiste ao *eu*, para o joven lorenio essa resistencia se corporifica no Prussiano, que é o barbaro por excellencia, tangivel e ameaçador. O conhecimento desse barbaro, desse inimigo hereditario, revelou a Maurice Barrès a patria, que assim surge do sentimento racial. Maurice Barrès alargou a categoria do *eu*, que de individual se tornou collectiva. A nacionalidade é a somma e a summa dos infinitos *eu* da mesma progenie, da mesma idealidade, da mesma projecção no futuro. A Patria, categoria do *eu*, oppõe-se ás outras patrias e o antagonismo persiste como a profunda e successiva expressão do dualismo inicial. Por um momento o conceito barresiano, movido pela metaphysica alle-mã, como instantanea desforra do barbaro, alarga-se para fundir o *eu* no Inconsciente. Sem demora o espirito lorenio reaparece, recompõe o mysticismo

individualista, não permite essa elasticidade vaga, essa posse do Universo. Ao contrario, o *eu* retrai-se, torna-se nacional, volta ao conceito pragmatico da patria deante dos barbaros. Para Barrès a patria é a continuação do Passado, tem a sua cidade invisivel povoada de sombras, que inspiram os vivos na missão primacial de zelar pela tradição. O mysticismo anarchista destrói todas as restricções, que possam limitar o surto do individuo. O mysticismo patriótico de Barrès enraiza o individuo na terra dos antepassados e o encerra dentro das muralhas da nacionalidade. Por esta formula Maurice Barrès rompe definitivamente com o idealismo de Fichte, que o estimula no principio e repelle a theoria hegeliana que considera os povos, as sociedades humanas como reflexo e dominio do Estado e move a Alemanha para o pan-germanismo. No conceito barrèsiano a patria franceza tem a suprema missão de defender-se dos Barbaros germanos, de fortalecer-se dentro dos seus limites naturaes e historicos e entreter o espirito numa perpetua vigilia contra toda invasão physica e moral, sem sobrar-lhe tempo para as aventuras da conquista. A doutrina nacional de Maurice Barrès é uma contradição ao imperialismo allemão.

Quando essa doutrina nacionalista se crystallizou, a França vencida, ultrajada, não offerecia re-

sistencia ás vagas do anarchismo, que vinha com a sua ideologia completar a dissolução dos alicerces da nacionalidade. Por esse tempo os governantes estavam ao serviço de uma burguesia cupida. A França foi o campo de rapina, onde tudo foi lama, sangue e morte. Nos destroços da catastrophe moral veio do subterraneo da nação um sobresalto, que a salvou. Maurice Barrès incorporou o seu idealismo á acção politica e tornou-se um dos re-constructores do paiz. A base da reconstrucção está na idéa da patria, que a fortalece e se organiza em culto. A idéa faz-se sentimento para ter vida. Essa força ideal foi a que em primeira linha se oppoz aos Barbaros e os venceu. A' victoria, que foi uma desforra, Maurice Barrès consagrou-se integralmente. A sua actividade combativa foi um maravilhoso espectáculo. Reagiu contra o scepticismo. Reagiu contra Renan, patriarcha da indiferença. Ao cynismo que exclamava: "a França morre, não perturbemos a sua agonia" Barrès oppõe a violenta therapeutica da fé. Disciplinou-se para disciplinar. Já nos seus primeiros livros individualistas aspira a uma disciplina, que lhe dissipasse o torpor doloroso, em que se entibiava o seu espirito. Clama por essa força, pelo "Mestre" que seria um axioma, uma religião, um principio ou uma doutrina. Encontrou no nacionalismo a sua disciplina e desde

então passou a servir o seu “mestre” A finalidade do seu nacionalismo era a desforra, que libertaria a França da humilhação de 1870 e restituiria na aureola de victoria a integridade gloriosa. “Eu digo, exclamou, que Metz e Strasburgo nos voltarão um dia... Que dia será esse? Os Francezes serão vencedores no dia em que serás homem” assegurou Barrès a seu filho. E Philippe Barrès collaborou para cumprir-se a prophesia do pae. Soldado da grande guerra, deu o seu sangue para que Metz e Strasburgo voltassem á França e fosse restaurada a velha Lorena geradora desse egoismo patriotico immorredouro.

A construcção barresiana assentada no nacionalismo rejeitou toda a libertação para manter o espirito subordinado á tradição. Impregnou-se da formula que não limita o patriotismo ao amor do sólo, enraiza-o no amor do passado. Voltou-se para este e o defendeu nas suas expressões mais definitivas, na religião, na hierarchia politica, no genio militar e no culto dos mortos. O excesso da disciplina levou Barrès ao automatismo. Parece que procurou na energia um remedio ao seu temperamento, independente e vago, de descendente renegado de Rousseau, de herdeiro da melancolia de Chateaubriand. Para curar-se do traçoieiro veneno do romantismo innato, para libertar-se do sentimentalismo, empre-

gou a disciplina de Loyola e de Gøthe. Subordinou o mundo e o proprio *eu* á vontade. Desta faz um cilicio, em que constrangiu a liberdade. E por um singular paradoxo, nos seus livros da iniciação, ha tanta vontade, tanta disciplina para libertar dos barbaros o joven Philippe, que este se torna um automato, um mecanismo, um homunculo fabricado pela intelligencia.

E' na funcção cerebral que reside o segredo de Barrès. Tudo, universo, sensações, fórmulas, sentimentos, tudo transfigura em idéas. E' a operação secreta da sua sensibilidade. Esta apura-se, estrema-se e de tão vibrante, torna-se seductoramente intellectual. O encanto barresiano, que se infiltra pela literatura franceza, vem do mysterio romantico, da hyperesthesia egotista que, domada pela disciplina, torna-se sortilegio. Os espiritos avidos de metaphysica para fugir ás torturas do relativismo scientifico, encontram no estylo de Maurice Barrès a repercussão procurada e entranhada do seus proprios desejos de libertação. A phrase barresiana tem ás vezes uma secura interior, e da sua vibração resulta uma sonoridade aguda e irritante. Não é a fonte de melodia que se transmuda em ondas doces e correntias. E' uma musica dissonante, cuja volupia cerebral é deliciosamente attrahente.

Que resta dessa musicalidade? Barrès foi o pri-

meiro a corrompê-la pela volta ao sentimentalismo. Uma invasão de sensibilidade deturpou grande parte da magia altiva e aspera do primeiro estylo. O rythmo permaneceu o mesmo, mas a sonoridade estava viciada. O cheiro da morte infectou a atmosphera. A morbidez denegerou em compaixão. Tudo tornou-se triste neste homem, soberano de desdém e orgulho. Aquelle fremito febril que, na aurora da espiritualidade, se compraz na pestifera Veneza, vem no crepusculo excitar-se da phosphorescencia dos cadaveres, alimentar-se da morte. Ama o que é sombra e mysterio. O criador do enthusiasmo patriotico, o sarcastico dominador da vida, consagra-se ao culto dos mortos. Procura defender tudo o que passa, e exprimir tudo o que morre. Quando lhe faltam expressões do seu idioma, o nacionalista pede aos idiomas estranhos a palavra piedosa... Assim transportou para a sua phrase melancolica a mais triste das nossas palavras, saudade. Encadeiou os vivos aos mortos. O Oriente perfido lhe revelou que o filho é o segredo do pae. Descobriu Barrès que o Occidente, sobrecarregado o conceito mystico, accrescentára: "Nossos filhos são a imagem dos nossos pensamentos os mais profundos" Dessa falsidade psychologica concluiu a formula, com que resolve o mysterio da tradição, e revendo a sua sentença contra Renan, termina por absolvel-o do sce-

pticismo religioso em face do sacrificio dos netos, martyres da guerra, cheios de fé e de illusão christã. Neste auge de piedade patriotica, que tudo incorpora ao patrimonio moral da França, morre o encantador e entra serenamente na communhão dos mortos. Desde o instante supremo da desforra triumphante, de que fôra annunciador e constructor, estava cumprida a sua bella fatalidade. Veiu da subtil raiz lorena e da profunda fonte auverneza, revelou o seu *eu* na magia de uma musica estranha, encerrou-se no quadro nacional, disciplinou-se, serviu o genio da sua raça, de onde brotou a estirpe que elle continuou e que continuará depois delle. “À ma mort, Philippe, recommandava Barrés, il faudra me conduire dans l’ombre du clocher de Sion et ne point t’attrister, car ma fortune sera comblée si je me confonds dans cette terre riche de toute la continuité lorraine”

Agora abram-se as janellas. A musica barresiana, ao longe, dá o rythmo sepulcral ao silencio das cathedraes e á melancolia dos tumulos. Outra sonoridade, vivaz e victoriosa, vinda da alegria do Universo, enche a França, que se renova indefinidamente.

A ESTHETICA DO BRASIL (*)

“Se ao volver á nossa imprevista e maravilhosa terra, alguma coisa me surpreendeu foi certamente a ascensão espiritual da joven intelligencia brasileira. Sem ainda bem conhecê-la, eu a adivinhava. Ella me attrahia pela sua força irreprimivel e promissora. Antes de deixar as veneraveis terras da cultura, onde vivi a tragedia da devastação, já sentia de longe o fremito do poema da aspiração do novo Brasil. Durante a silente travessia do nosso mar, foram-se-me apagando do espirito os accentos elegiacos da Tristeza. Uma tarde, eu me lembro. Tudo era triste sobre o mar... O que restava de luz não era mais o sol, a lua apressada vinha vindo ainda embuçada nas descoradas nuvens. O céu não existia, perdido nas nevoas incertas. O melancolico oceano côr de cinza se cobria de espumas mortas, voltada a face azul para o fundo do abysmo. Tu vieste, Tristeza, a esta hora propicia, e buscaste abrigo em mi-

(*) Discurso aos jovens escriptores brasileiros, em 12 de novembro de 1921.

nha alma. Não entraste no acostumado refugio. Dentro deste coração, como uma luz, que viesse do Futuro, já entrara a Alegria. Era a annunciação do Brasil!

Ao chegar vi realizado com esplendor tudo o que a Esperança me promettera. A nossa Terra é a patria da mocidade. Hoje a imagem do Brasil é a de um joven, que seja a representação do enthusiasmo. Bello, são, puro, aspira a plenitude da vida. Toda a luz, toda a força da natureza em seu ser. Elle sóbe, paira, nada o embaraça em sua ascensão além das coisas. Ha uma infinita grandeza em sua alma. A atmosphaera do seu espirito é limpida e luminosa, elle se desenvolve como uma livre força do Cosmos. Tudo o que ha de fecundo, de alegre no Universo terá nelle um heróe. A sua mocidade é uma expressão solar. Sorri, domina. Imaginai Diosysios enriquecido da seiva tropical.

E' para esse joven Brasil que o meu pensamento vive. Esse joven Brasil realizará integralmente a vida esthetica na sua magia. Viver estheticamente é sentir que tudo é illusão na vida universal e que somos uma apparição fantastica, imaginaria, na eternidade inconsciente. Nada pôde eliminar o pensamento inspirador da Esthetica da vida que affirma estar a tragedia fundamental nas relações do homem com o Universo e que toda a idéa, que se

possa ter do Cosmos é espectacular. Esta philosophia não se oppõe á sciencia e nem a desdenha. Completa-a, porque a Sciencia, não podendo explicar a substancia universal, a coisa em si, o Todo infinito, a Philosophia interpreta o mysterio, subjuga-o pela logica, pelo puro raciocinio, e imagina, porque imaginar é a funcção essencial do espirito humano.

Aquelle agnosticismo dos primeiros philosophos nós o rejuvenescemos nesta interpretação do Universo pela Esthetica, que não é uma simples serva da Philosophia, mas a propria Philosophia. Tudo se reduz a Esthetica, porque tudo é fórma e imagem. Nenhuma explicação scientifica ou metaphysica vem abalar este pensamento, que é a base da construcção esthetica do Universo. Uma indagação aprofundada das derradeiras cogitações da philosophia e da sciencia mostraria que não ha systema ou theoria, que não venha terminar em uma idéa esthetica, por onde se procure explicar a origem incognoscivel das cousas e das suas relações. O bergsonismo para dar a idéa abstracta da duração imagina uma symphonia, que tivesse o sentimento de si mesma e fosse a sua propria criadora. Bergson, tentando representar o tempo, a duração, por uma imagem, obedece á fatalidade do espirito humano, que é a de pensar por imagens, e como a sua imagem

nada explica, e nem é possível explicar a duração, o que resta da sua hypothese, é um pensamento esthetico, uma symphonia do Universo. E sempre por imagens pretende esta philosophia das causas finaes explicar a substancia. Quando affirma que o surto vital é uma exigencia da criação e que a vida no seu mais humilde instante é uma actividade espirital, ainda é uma imagem que se substitue á idéa. Bergson suppõe uma corrente de realização ascendente que seria o espirito, e este determinando a contra-corrente da materia. Assim todo o "real" se resume em um duplo movimento de subida e descida, o que é uma fantasia esthetica.

Tambem a theoria da relatividade de Einstein em nada modificou a concepção esthetica do Universo. Permanece immutavel o agnosticismo philosophico deante desta critica physico-mathematica das idéas do tempo e do espaço. A relatividade não explica o Universo, nem o Ser, nem a Causa em si. Quando analyza os modos do Ser, a luz, o intervallo, o ether, a sua interpretação relativista é desenvolvida em equações, que são signos e imagens do Universo.

A tentativa do metapsychismo para explicar as origens das cousas pela psychologia supranormal é uma renovação do platonismo. A idéoplastica é uma volta a Platão, quando suggere a hypothese de

que a idéa modela a materia e lhe dá fórma e attributos. Confirma-se nesta suprema concepção de um processo teleologico da criação universal, que se executa por meio de fórmas, mais uma interpretação esthetica do Universo. A philosophia da unidade do Todo infinito repelle esse finalismo, que seria a mascara da dualidade e tragedia do espirito humano. Se ella prescreveu uma actividade pragmatica, é pela necessidade de uma disciplina indispensavel ao homem para realizar a vida esthetica. Para o homem brasileiro a esthetica da vida será a conformação do seu espirito á Terra, de que é elle uma expressão. Na fidelidade do sentimento nacional está a inspiração do magestoso trabalho que elle vae executar. O Brasil lhe fala pelas vozes da Natureza e da Historia e dirá:

“Sou a Terra, a categoria do teu espirito, a carne da tua carne, os ossos dos teus ossos, numa união inquebrantavel. Ao meu ser immemorial, perdido na incommensuravel inconsciencia, déste a tua alma e fundaste a Nação. A tua raça é multipça e traz em seu sangue o terror de muitos deuses, mas a tua espiritualidade vem da progenie latina, que disciplinou o Universo. Carregas para o futuro esse genio antigo, de que és impetuoso depositario, e pela sua magia transformadora farás das minhas selvas, dos meus céos, das minhas aguas, a exaltada

morada da belleza e da intelligencia. E' a lei da progressão, que trouxeste das tuas origens européas e que continúa aqui a obra de civilização dos teus valerosos criadores. Livre, forte, audaz, arma-te. Não desdenhes a força pelo exclusivo e divino prazer da philosophia e da arte. Faze do teu ser a dupla face da energia e da intelligencia, que é a unidade humana. Olha estes lindos e alegres mares. São teus, foi o dom dos teus antepassados. Defende-os, guarda-os, são a esmeralda e a saphyra que me circumdam o corpo dourado e me dão a perpetua refulgencia. Por elles tu te ligas ao mundo antigo e dilatas o teu espirito que fluctuará sempre sobre as aguas, como a divindade, e darás o teu rythmo eterno ás ondas geradoras.

“Em todos os mysterios da luz, da côr, da fórma, dos sons, das lendas, das tradições e da historia extasia a tua propria alma.

“O meu instincto vital está na tua imaginação. Nascido de mim, tu és o meu criador, porque só da tua idealidade terei perpetua vida. A arte é a tua libertação. Elimina o terror inicial e funde o ser no Todo infinito. Esta é a tua suprema victoria. A tua patria é movel e tu terás a ansia de a fixar em

tua criação transcendente. Oh! Deliciosa tentação para o espirito este incerto instante, em que tudo passa, tudo foge, tudo se transfigura e dessa incessante transformação ser o magico espelho! Sob a violencia luminosa do meu céu, eu te suscitarei idéas fortes e ousadas. Possue intimamente as cousas sobre que o teu espirito paira. São os bens da Terra, que é tua. Corre o risco da morte, que é o premio da vida. Na alegria interior gosa o eterno espectaculo. Sê insaciavel de belleza, de poder, de alegria e faze da tua Nação uma imperecivel obra de Arte.”

INDICE

Prefacio .	7
Arte Moderna	11
O Espirito Moderno	23
O Espirito Academico	49
Mocidade e Esthetica	63

INS

Raizes de Idealismo	77
Unidade brasileira	85
Alma brasileira	91
Terra.	95
Mar	97
Marcel Proust	99
Transfiguração	101
Dostoievsky.	103
Pantheismo.	107
Poeta louco	109
Enygmas do genio	111
Pangermanismo .	115
Maurice Barrès	125
Esthetica do Brasil	137



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).